

Universidade do Vale do Rio dos Sinos  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia  
Mestrado em Psicologia  
Linha de Pesquisa: Estados Psicopatológicos e Abordagens Psicoterápicas

**Luan Paris Feijó**  
*Bolsista CAPES/PROSUP*

**Manejo dos recursos tecnológicos de informação e comunicação em psicoterapia  
psicodinâmica presencial**

Orientadora:  
Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Silvia Pereira da Cruz Benetti

São Leopoldo, Julho de 2017

**LUAN PARIS FEIJÓ**

**Manejo dos recursos tecnológicos de informação e comunicação em psicoterapia  
psicodinâmica presencial**

Dissertação apresentada como exigência parcial para a  
obtenção do título de Mestre em Psicologia do  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia da  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientadora:

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Silvia Pereira da Cruz Benetti

São Leopoldo, Julho de 2017

F297m Feijó, Luan Paris.  
Manejo dos recursos tecnológicos de informação e comunicação em psicoterapia psicodinâmica presencial / Luan Paris Feijó. – 2017.  
84 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2017.  
“Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Silvia Pereira da Cruz Benetti.”

1. Psicologia clínica. 2. Psicanálise. 3. Psicoterapia psicodinâmica. 4. Mídia social – Aspectos psicológicos. 5. Internet – Aspectos psicológicos. I. Título.

CDU 159.9

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Bibliotecário: Flávio Nunes – CRB 10/1298)

*“O desafio contemporâneo ao trabalho analítico é poder transitar entre o modelo arqueológico e o transformacional, entre estados de compreensão e não compreensão, e de tolerar as inevitáveis oscilações em nosso próprio estado mental, o do paciente e o que conjuntamente construímos”  
(Eizirik, 2015, p. 57).*

## **Agradecimentos**

Gostaria de dedicar este espaço de agradecimento a algumas pessoas que foram importantes para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos meus pais, Claudio e Jacqueline, pelo apoio e amor que recebo de vocês. Ao meu irmão Enzo, pelos momentos de diversão e de amizade.

À Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Silvia Benetti, pelo carinho, pela acolhida, pela atenção e por me fornecer os elementos necessários para a construção desta dissertação, assim como por disponibilizar todo o seu conhecimento profissional e pessoal para auxiliar na minha caminhada.

Às Professoras do Programa de Pós-Graduação (PPG) em Psicologia pela generosidade, afetividade e conhecimento transmitido em todas as aulas ao longo deste período de mestrado. Agradeço também aos nossos momentos de descontração no almoço, nos cafés, nos eventos científicos e nas rodas de chimarrão.

Aos colegas da turma de mestrado de 2016 do PPG Psicologia da Unisinos e em especial aos amigos Clarissa Pessota, Andresa Soster, Edemar Zardo, Maira Noroefé, Michelle Taube, Milene Furnaletto e Lisiana Saltiel, pelos momentos de estudo, de diversão e de encontros nada científicos, mas totalmente necessários para aproveitar as amizades construídas. Aproveito também para agradecer às amizades proporcionadas pelos encontros no PPG e nas atividades “extras” que serão levadas para a vida. Obrigado, Anelise Schaurich, Nathália Bohn, Letícia Machado e Suzana Catanio.

Ao pessoal do Núcleo de Estudo e Pesquisa em Psicoterapia Psicanalítica, obrigado pelas importantes discussões e trocas de conhecimento nos seminários de dissertação e tese de sextas-feiras pela manhã. Assim como, agradeço pela leveza na convivência diária no gabinete da professora Silvia.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia e a CAPES sob a forma de bolsa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições de Ensino Particulares - CAPES/PROSUP, pois sem esse apoio financeiro seria inviável a realização do mestrado.

Aos professores que foram membros das bancas de pré-qualificação, qualificação de projeto e defesa de dissertação por despendarem de seu tempo para contribuir com a minha aprendizagem profissional e com este trabalho.

Por fim, aos amigos, familiares e funcionários do PPG que direta ou indiretamente contribuíram para que de alguma maneira a construção desta dissertação fosse possível. **MUITO OBRIGADO A TODOS!**

## Sumário

<b>RESUMO:</b> .....	<b>9</b>
<b>ABSTRACT:</b> .....	<b>10</b>
<b>Apresentação da dissertação</b> .....	<b>11</b>
<b>ARTIGO I - Experiência e formação profissional de psicoterapeutas psicodinâmicos na utilização das tecnologias de informação e comunicação</b> .....	<b>14</b>
Resumo: .....	14
Abstract:.....	14
<b>Introdução</b> .....	<b>15</b>
<b>Método</b> .....	<b>20</b>
Delineamento .....	20
Participantes .....	20
Instrumentos .....	21
Procedimentos de Coleta dos dados .....	22
Procedimentos Éticos .....	22
Procedimentos de Análise dos dados .....	22
<b>Resultados</b> .....	<b>24</b>
Experiência dos profissionais na utilização das TICs na clínica psicoterápica psicodinâmica.....	24
Formação do profissional para manejo dos recursos tecnológicos na clínica.....	28
<b>Discussão</b> .....	<b>30</b>
<b>Conclusão</b> .....	<b>34</b>
<b>Referências</b> .....	<b>36</b>
<b>ARTIGO II - Impacto das tecnologias de informação e comunicação na técnica psicoterápica psicanalítica</b> .....	<b>42</b>
Resumo:.....	42
Abstract: .....	42
<b>Introdução</b> .....	<b>43</b>
<b>Método</b> .....	<b>46</b>
Delineamento .....	46

Participantes .....	47
Instrumentos .....	47
Procedimentos de Coleta dos dados .....	48
Procedimentos Éticos .....	48
Procedimentos de Análise dos dados .....	48
<b>Resultados.....</b>	<b>50</b>
Aliança terapêutica.....	51
Neutralidade .....	52
Setting terapêutico.....	53
Transferência.....	55
<b>Discussão.....</b>	<b>56</b>
<b>Conclusão.....</b>	<b>63</b>
<b>Referências .....</b>	<b>65</b>
<b>Considerações finais da dissertação .....</b>	<b>72</b>
<b>Referências da dissertação .....</b>	<b>74</b>
<b>ANEXO A .....</b>	<b>76</b>
Aprovação do comitê de ética .....	76
<b>APÊNDICE A.....</b>	<b>80</b>
Termo de consentimento livre e esclarecido .....	80
<b>APÊNDICE B.....</b>	<b>81</b>
Ficha de dados sociodemográficos.....	81
<b>APÊNDICE C.....</b>	<b>83</b>
Entrevista semiestruturada .....	83



## MANEJO DOS RECURSOS TECNOLÓGICOS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO EM PSICOTERAPIA PSICODINÂMICA PRESENCIAL

**RESUMO:** As tecnologias de informação e de comunicação (TICs) fazem-se cada vez mais presentes na vida da população brasileira. Devido à expansão da *Internet* e do seu uso diário, as TICs têm influenciado não só os relacionamentos interpessoais, mas também ingressa em distintos contextos de interação social, dentre eles, os consultórios que oferecem serviço psicoterápico presencial. Assim, a utilização dessas tecnologias pode impactar na técnica psicoterápica psicanalítica, especialmente no manejo dos profissionais decorrente da utilização dos recursos tecnológicos na formação profissional destes e nos conceitos técnicos da abordagem psicodinâmica. Portanto, com o intuito de compreender como os profissionais utilizam e manejam as TICs na prática clínica com seus pacientes, foram realizados dois estudos empíricos, qualitativos e transversais, com 11 psicólogos que tinham especialização em psicoterapia de orientação psicanalítica. Os dados foram analisados por meio de análise temática realista, gerando três temas de discussão. Os resultados demonstraram que na utilização das tecnologias de informação e comunicação foram mantidas as mesmas características técnicas de transferência e aliança terapêutica de uma sessão presencial, entretanto com adaptações na neutralidade, no *setting* e na inclusão da tecnologia como parâmetro à técnica. Ainda se evidenciou que os profissionais necessitam de aperfeiçoamento profissional para manejo das tecnologias, por meio de instrumentalização teórico-técnica, assim como se faz necessário que se estabeleçam discussões e orientações das instituições de formação e do Conselho de Psicologia. Os resultados desta pesquisa contribuem para o aprimoramento profissional, assim como ampliam os estudos nessa temática, em especial na teoria psicanalítica.

**Palavras-chaves:** Psicologia Clínica; Psicanálise; Psicoterapia Psicodinâmica; Mídias Sociais e *Internet*.

**APPLICATIONS OF INFORMATION AND COMMUNICATION  
TECHNOLOGICAL RESOURCES IN PSYCHODYNAMIC  
PSYCHOTHERAPY FACE-TO-FACE**

**ABSTRACT:** Information and communication technologies (ICTs) are becoming more and more present in the life of the Brazilian population. Due to the expansion of the Internet and its daily use, ICT has influenced interpersonal relationships, as well as the different contexts of social interaction, among them, the clinics that offer psychotherapy service face-to-face. Thus, the use of these technologies can impact psychoanalytic psychotherapeutic technique, especially in the management of professionals, due to the use of these technologies in the professional training and in the technical concepts of the psychodynamic approach. Therefore, to understand how professionals use and manage ICT in clinical practice with their patients, two empirical studies, qualitative and cross-sectional, were carried out with eleven psychologists who had a specialization in psychoanalytic psychotherapy. The data were analyzed by means of realistic thematic analysis, generating three topics of discussion. The results showed that in the use of information and communication technologies, the same technical characteristics of transference and therapeutic alliance of a face - to - face session are maintained, however with adaptations in neutrality, setting and the inclusion of technology as a parameter to technique. It was also pointed out that professionals need professional improvement in the management of technologies, through theoretical and technical instrumentalist, as well as the need to establish discussions and orientations of training institutions and the Psychology Council. The results of this research contribute to the professional improvement, as well as broaden the studies in this subject, especially in psychoanalytic theory.

**Keywords:** Psychology, Clinical; Psychoanalysis; Psychotherapy, Psychodynamic, Social Media; Internet

## **Apresentação da dissertação**

Com a expansão das novas tecnologias de informação e comunicação entre a população brasileira em decorrência da popularização da *Internet*, a forma como os indivíduos se comunicam tem sido influenciada por meio da inserção destes recursos tecnológicos (Siqueira & Russo, 2017). Entre as funcionalidades dessas ferramentas de tecnologia estão as destinadas à troca de ações comunicativas por duas ou mais pessoas, utilizando a *Internet* (Barcellos et al., 2015; IBGE, 2013).

Devido à crescente utilização da *Internet* e do uso diário pela sociedade brasileira, as TICs ingressaram em diversos contextos, como em escolas, serviços de alimentação, nas residências, nas atividades laborais e também nos consultórios que oferecem serviços psicoterápicos (psicoterapia) presenciais. Por ser de fácil acesso, os pacientes de modo crescente contatam seus terapeutas através desses canais para agendar consultas, remarcar sessões ou ainda apresentar informações que podem não aparecer nas combinações entre a dupla terapeuta e paciente e no enquadre psicoterapêutico (Barcellos et al., 2015; Sfoggia et al., 2014).

A literatura nacional e internacional indica uma lacuna expressiva de trabalhos empíricos sobre os recursos tecnológicos na abordagem da psicoterapia de orientação psicanalítica (Crestana, 2015; Pires, 2015), enquanto em outras orientações psicoterápicas, como na Terapia Cognitivo Comportamental, o uso está mais bem fundamentado, já que os psicoterapeutas possuem comodidade no manejo com os seus pacientes. Os psicanalistas, por sua vez, ainda encontram desconforto em utilizar esses recursos tecnológicos, especialmente o *Facebook* (Hallberg, 2015).

Diante desse cenário, considera-se necessária a compreensão sobre como os recursos tecnológicos têm ingressado nos atendimentos psicoterápicos, de que forma

interferem na relação terapeuta-paciente e influenciam na prática psicoterápica psicodinâmica. A partir desses questionamentos, esta dissertação se insere na linha de pesquisa “Estados Psicopatológicos e Abordagens Psicoterápicas”, objetivando compreender como os profissionais manejam as TICs na prática clínica com seus pacientes e quais impactos do uso na técnica psicanalítica e no processo psicoterápico psicodinâmico. Para responder a estes objetivos, foram compostos dois artigos empíricos qualitativos e transversais.

O primeiro artigo, intitulado “Experiência e formação profissional de psicoterapeutas psicodinâmicos na utilização das tecnologias de informação e comunicação”, tem como objetivos, compreender a percepção de psicoterapeutas de orientação psicanalítica sobre a utilização das tecnologias de informação e comunicação com os seus pacientes; identificar o uso das TICs em diferentes níveis de funcionamento psíquico e verificar os conhecimentos científicos dos psicoterapeutas sobre as suas formações profissionais. Foi realizada uma pesquisa qualitativa e exploratória com 11 psicólogos que tinham especialização em psicoterapia de orientação psicanalítica. Eles responderam a uma ficha de dados sociodemográficos e à entrevista semiestruturada. Os dados foram analisados por meio de análise temática realista. Os resultados demonstraram que as tecnologias de informação e comunicação podem servir tanto como uma ferramenta de trabalho quanto apresentar entraves à prática profissional. Somado a isso, a falta de instrumentalização pode dificultar a adesão à prática de psicoterapia nesses novos meios tecnológicos. Ademais, este estudo contribuiu para identificar diferentes formas de se usar as mídias sociais em psicoterapia e auxiliar na ampliação das discussões sobre a temática no campo da psicanálise.

O segundo estudo, intitulado “Impacto das tecnologias de informação e comunicação na técnica psicoterápica psicanalítica”, teve como objetivo compreender

como os psicoterapeutas de abordagem psicodinâmica percebem os impactos na técnica psicoterápica psicanalítica presencial. Foi realizada uma pesquisa qualitativa e exploratória com 11 psicólogos que tinham especialização em psicoterapia de orientação psicanalítica. Eles responderam à entrevista semiestruturada e a uma ficha de dados sociodemográficos. Os dados foram analisados por meio de análise temática. Os resultados evidenciaram impactos relacionados à aliança terapêutica, à neutralidade, ao *setting* psicoterápico e à transferência, indicando que a utilização pode proporcionar diferentes compreensões da relação terapêutica e da dinâmica de funcionamento psíquico do paciente. O estudo contribuiu para auxiliar os profissionais no manejo das TICs em psicoterapia e para promover a reflexão sobre melhor forma de conjugar a tecnologia com a prática clínica presencial.

Após a apresentação dos artigos, foram apresentadas as considerações finais da dissertação. Nela estão demonstradas as principais conclusões, as limitações dos estudos, bem como são fornecidas indicações para futuras pesquisas nesse eixo de investigação. Por fim, apresenta-se os anexos e apêndices do documento de dissertação.

## **ARTIGO I - Experiência e formação profissional de psicoterapeutas psicodinâmicos na utilização das tecnologias de informação e comunicação**

**Resumo:** A crescente utilização das tecnologias de informação e comunicação em psicoterapia psicanalítica presencial faz com que seja necessário refletir sobre como os profissionais da área clínica têm percebido o ingresso desses recursos na sua prática profissional e como eles se preparam profissionalmente para manejar com esses recursos de forma ética e segura em psicoterapia. Portanto, o objetivo deste estudo foi de compreender a percepção de psicoterapeutas de orientação psicanalítica sobre a utilização das tecnologias de informação e comunicação com os seus pacientes; identificar o uso das TICs em diferentes níveis de funcionamento psíquicos e verificar os conhecimentos científicos dos psicoterapeutas sobre as suas formações profissionais. Foi realizada uma pesquisa qualitativa e exploratória com 11 psicólogos que tinham especialização em psicoterapia de orientação psicanalítica. Eles responderam a uma ficha de dados sociodemográficos e à entrevista semiestruturada. Os dados foram analisados por meio de análise temática. Os resultados demonstraram que as tecnologias de informação e comunicação podem servir tanto como uma ferramenta de trabalho como também apresentar entraves à prática profissional. Somado a isso, a falta de instrumentalização pode dificultar a adesão à prática de psicoterapia nesses novos meios tecnológicos. Este estudo contribuiu para identificar diferentes formas de se usar as mídias sociais em psicoterapia e auxiliar na ampliação das discussões sobre a temática no campo da psicanálise.

**Palavras-Chave:** Psicologia Clínica; Psicoterapia; Psicanálise; Mídias Sociais

**Abstract:** The increasing use of information and communication technologies in face-to-face psychoanalytic psychotherapy makes it necessary to reflect on how professionals in the clinical area have perceived the entry of these resources into their professional practice and how they have professionally prepared to handle ethical and safe in psychotherapy. Therefore, the objective of this study was to understand the perception of psychoanalytic psychotherapists on the use of information and communication technologies with their patients; to identify the use of ICT in different psychopathologies; and to verify the scientific knowledge of psychotherapists about their professional training. A qualitative and exploratory research was carried out with eleven psychologists who were specialized in psychoanalytic psychotherapy. They responded to a sociodemographic data sheet and the semi-structured interview. The data were analyzed by means of realistic thematic analysis. The results showed that information and communication technologies can serve not only as a working tool but also present obstacles to professional practice. In addition, the lack of instrumentalization can make it difficult to join the practice of psychotherapy in these new technological means. However, this study has contributed to identify different ways of using social media in psychotherapy and to help broaden the discussions on the subject in the field of psychoanalysis.

**Keywords:** Psychology, Clinical; Psychotherapy; Psychoanalysis; Social Media

## Introdução

As tecnologias de informação e comunicação (TICs) estão presentes na sociedade brasileira (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2013). Devido à sua crescente inserção, elas podem influenciar a forma como nos relacionamos com outros indivíduos (Migone, 2013). Esse impacto não se dá somente no contexto de interação social diário, mas também nos atendimentos e tratamentos psicoterápicos oferecidos (Stadter, 2013). Os trabalhos publicados sobre o tema indicam que as TICs em psicoterapia podem ser usadas como um complemento que auxilia o processo psicoterápico (Distéfano, Mongelo, O’Conor, & Lamas, 2015) como uma ferramenta comunicativa que pode interferir na relação terapêutica e no processo psicoterapêutico (Lisondo, 2012).

Sob esse aspecto, diversos pesquisadores discutem a forma que essas tecnologias influenciam os tratamentos psicoterápicos disponibilizados pelos psicoterapeutas e quais são os benefícios e prejuízos advindos de sua utilização (Barnett, 2011; Feijó, Pessota, Silva & Benetti, 2016; Nóbrega, 2015; Pieta & Gomes, 2014; Sfoggia et al., 2014). Contudo, há poucos estudos sobre a percepção dos profissionais no que se refere à forma como os pacientes acessam essas tecnologias (Hallberg & Lisboa, 2016; Nóbrega, 2015), bem como sobre os sentimentos que são despertados nos terapeutas e como estes têm se preparado, seja através de estudos teóricos, análise e supervisão, para manejar essa nova demanda que chega aos consultórios clínicos de psicologia (Carlino, 2011; Migone, 2013).

O estudo mais recente sobre a temática no Brasil, foi conduzido por Hallberg e Lisboa (2016) que investigaram a percepção e o uso das tecnologias de informação e comunicação por psicoterapeutas de diferentes abordagens psicoterápicas no Rio

Grande do Sul. Os resultados encontrados pelas autoras evidenciam que excetuando o recebimento de solicitações de amizade por meio do *Facebook*, os psicoterapeutas não se sentem incomodados em se comunicar com os seus pacientes através das tecnologias de informação e comunicação. Entretanto, os profissionais que exerciam a abordagem cognitivo comportamental no seu contexto clínico apresentaram os menores indicadores de desconforto no manejo dessas tecnologias se comparado a outras linhas teóricas. Além disso, os resultados demonstraram incerteza dos profissionais no que tange a resoluções referentes ao uso das TICs em psicoterapia (Hallberg & Lisboa, 2016).

Outro resultado importante dessa mesma pesquisa se refere à preocupação dos psicoterapeutas em estudar sobre a temática. Menos da metade dos participantes preocupavam-se em aprofundar seus conhecimentos sobre o impacto das tecnologias em psicoterapia (Hallberg & Lisboa, 2016). Contudo, faz-se necessário que o tema seja pesquisado, uma vez que se torna crescente a inserção das tecnologias no contexto de psicoterapia.

Observa-se que, desde os anos 2000, há pesquisas que investigam o impacto da *Internet* de forma geral, mas não das mídias sociais, na vida dos sujeitos sob a perspectiva de psicoterapeutas (Leitão & Nicolaci-da-Costa, 2005). Nesse estudo nacional, já se discutia a identificação de características subjetivas dos pacientes que usavam a *Internet*, como o prazer, a onipotência e os excessos de tempo e de exposição vivenciados nesse espaço virtual.

Do mesmo modo, diversos autores discutem os impactos da modernidade na sociedade, as influências das mudanças contemporâneas no psiquismo dos sujeitos e a manifestação em psicoterapia (Kowacs, 2014; Laskoski et al., 2013). Eles também discutem a extensão da hipermodernidade na prática psicanalítica, sinalizando a necessidade de que essa teoria possa compreender as novas demandas tecnológicas e



interpessoais (Kowacs, 2014; Nóbrega, 2015). Portanto, um eixo de pesquisa pertinente de ser investigado está relacionado às experiências dos psicoterapeutas e a suas formações profissionais para o manejo das tecnologias de informação e comunicação em psicoterapia psicodinâmica presencial, uma vez que os pacientes que buscam atendimento psicoterápico, de forma crescente, têm procurado esses serviços através de diversas mídias sociais (Kowacs, 2014; Zilberstein, 2015).

A partir dessas questões, diversos profissionais no exercício da sua prática clínica têm se deparado com situações que alteram a configuração clássica da psicoterapia psicanalítica no exercício clínico. Nessa abordagem, são mantidos os preceitos da associação livre do paciente, a manutenção da transferência, a neutralidade do terapeuta (Freud, 1912; Freud, 1914; Freud, 1920; Migone, 2013) em um *setting* que possa se manter estável (Migone, 2013; Zimmerman, 1999). No entanto, o que se percebe nas publicações sobre a temática se refere a implicações teóricas com intuito de que haja adaptação da técnica para inserção das tecnologias de informação e comunicação, fazendo com que os profissionais precisem (re)pensar o seu exercício profissional para abarcar as TICs, sem transgredir os preceitos do processo psicanalítico. Além disso, favorecer uma ferramenta tecnológica que possa ser passível de auxílio do sofrimento psíquico de forma segura e ética (Carlino, 2011; Migone, 2013; Scharff, 2013).

Nesse sentido, a literatura psicanalítica indica ser necessário que os terapeutas possam dispor de competências profissionais para o manejo das TICs (Carlino, 2011), assim como resguardar a manutenção na sua prática profissional do “tripé psicanalítico”: análise pessoal, seminários teóricos e supervisão dos casos clínicos (Saraiva & Nunes, 2007). Sob esse viés, Carlino (2011) preconiza que a dupla terapeuta-paciente precisa utilizar uma tecnologia de informação e comunicação em que ambos possuam conhecimento, pois um terapeuta despreparado para a utilização dessas

tecnologias poderia gerar um impacto negativo no paciente, assim como na incoerência da simetria, da associação livre e pôr fim do trabalho elaborativo.

Ainda sob o vértice da psicoterapia psicanalítica e o ingresso das tecnologias eletrônicas em psicoterapia, Stadter (2013) discute que essas tecnologias de informação e comunicação podem ser denominadas de *e-third* no *setting* psicoterápico. O *e-third* seria entendido como um objeto eletrônico que poderia influenciar a relação entre a dupla terapeuta e paciente. Esse autor também menciona que o *e-third* é diferente do conceito de terceiro analítico, pois este visa ser conceituado como um espaço intersubjetivo criado pela dupla, diferentemente do *e-third*, que embora também possa potencializar um espaço de reflexão e evidenciar os estados afetivos do paciente, ele pode promover interações fragmentadas e superficiais (Stadter, 2013). Portanto, assim como discutido nos estudos de Carlino (2011), um profissional que utiliza as tecnologias de forma inexperiente pode fomentar resistências ao tratamento, levando à desistência da psicoterapia por parte do paciente.

Migone (2013) discute as tecnologias de informação e comunicação em psicoterapia psicanalítica utilizando o conceito de psicoterapia com parâmetro, sob referencial da Psicologia do Ego. Para o autor, o ingresso dessas tecnologias na prática clínica poderia estar relacionado a déficits desenvolvimentais de ego, sendo indicado a pacientes que, devido a essas deficiências, seriam incapazes de aderirem ao modelo fundamentado apenas em interpretações do terapeuta (Migone, 2013). Assim, esses recursos tecnológicos poderiam ser utilizados como uma forma auxiliar a técnica, ingressando nos atendimentos por tempo determinado, até que o paciente pudesse responder satisfatoriamente à técnica psicoterápica clássica (Migone, 2013).

Outro ponto relevante sobre a temática se refere ao reconhecimento do trabalho psicoterapêutico a partir das tecnologias de informação e comunicação. Em alguns

países, a prática é reconhecida e aceita e há diversos estudos que discutem como utilizar essas tecnologias a favor da psicoterapia psicanalítica (Carlino, 2011; Scharff, 2012; Scharff, 2013), já no Brasil a temática parece ser recente e discutida em termos dicotômicos, de malefícios ou benefícios, viável e inviável (Hallberg & Lisboa, 2016; Pieta & Gomes, 2014; Sffogia et al., 2014). Entretanto, o que a literatura tem evidenciado é que a psicoterapia psicodinâmica por meio de tecnologias de informação e comunicação pode promover as mesmas mudanças terapêuticas e mantém a técnica psicanalítica semelhante ao tratamento presencial (Scharff, 2012). Assim, investigações que permitam reflexões sobre a incorporação e manejo dessas práticas no dia a dia do profissional psicoterapeuta parecem merecer atenção de pesquisadores.

Portanto, da mesma forma que as tecnologias de informação e comunicação promovem mudanças na subjetividade contemporânea e fomentam a hipermodernidade na sociedade (Kowacz, 2014), elas impactam também na prática clínica (Barcellos et al., 2015; Kowacz, 2014; Luz, 2015) e na formação desses profissionais (Carlino, 2011). Nesse sentido, torna-se necessário investigar como essas relações têm se estabelecido na clínica psicanalítica. Assim, o objetivo deste estudo foi o de compreender qual a percepção de psicoterapeutas de orientação psicanalítica sobre a utilização das tecnologias de informação e comunicação com os seus pacientes; identificar a relação entre o uso das tecnologias de informação e comunicação e a utilização ou não destas em diferentes níveis de funcionamento psíquicos e, por fim, verificar os conhecimentos técnico-científicos dos psicoterapeutas psicodinâmicos sobre as suas formações profissionais no que se refere ao uso dos recursos tecnológicos.

## Método

### Delineamento

Este estudo foi delineado em uma abordagem qualitativa, transversal (Breakwell, Hammond, Five-Schaw, & Smith, 2010) e exploratória (Gerhardt & Silveira, 2009). Com o objetivo de assegurar os procedimentos qualitativos, utilizou-se o *Checklist Consolidated criteria for reporting qualitative research* (COREQ) (Tong, Sainsbury, & Craig, 2007). Esse instrumento está dividido em três eixos que se referem a características da equipe de pesquisa, ao delineamento metodológico do estudo, assim como à análise e às conclusões apresentadas no estudo (Tong, Sainsbury, & Craig, 2007).

### Participantes

Participaram desta pesquisa, por meio de amostra por conveniência, 11 psicólogos, sendo dez mulheres e um homem, com especialização em nível de pós-graduação em psicoterapia de orientação psicanalítica. Além disso, destaca-se que os participantes realizaram a formação em diferentes instituições de ensino em psicoterapia da região metropolitana de Porto Alegre no Rio Grande do Sul. Essa estratégia foi adotada pelo mestrando com o intuito de selecionar uma amostra da mesma abordagem teórica sob diferentes perspectivas. Ainda, neste estudo, foi utilizado o critério de saturação dos dados para o número final de participantes (Fontanella, Ricas, & Turato, 2008). Quando as informações emitidas pelos participantes passaram a não apresentar novas manifestações em seu conteúdo, encerraram-se as entrevistas. A Tabela 1 apresenta os dados sociodemográficos dos participantes

Tabela 1  
Apresentação das variáveis sociodemográficos dos participantes (n=11)

Variáveis (em anos)	Mínimo	Máximo	Média	DP
Idade dos participantes	27	55	34,73	7,37
Tempo de conclusão da graduação	4	23	10,55	5,20
Tempo de conclusão da especialização	1	13	6,45	3,36
Tempo de experiência clínica	3	23	10,18	5,31

Nota: Análise realizada por meio de estatísticas descritivas através do *Software SPSS*.

## Instrumentos

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram: (1) ficha de dados sociodemográficos, composta por perguntas referentes ao tempo de formação acadêmica (graduação, pós-graduação *lato sensu* ou *stricto sensu*) idade, sexo e indicação de quais tecnologias de informação e comunicação utilizava na sua prática clínica e (2) entrevista semiestruturada com questões norteadoras, dividida em quatro blocos. Ambos os instrumentos foram construídos pelo pesquisador e mestrando.

A versão final da entrevista semiestruturada foi elaborada a partir de um estudo-piloto conduzido pelo mestrando com seis psicólogos que possuíam especialização em psicoterapia de orientação psicanalítica, diferentes dos participantes do estudo. As perguntas exploratórias estavam direcionadas (a) ao ingresso dos recursos tecnológicos na prática clínica, (b) a impactos desses recursos na técnica psicanalítica, (c) à formação do profissional e (d) ao manejo de casos clínicos através dos recursos tecnológicos. Os profissionais responderam a uma versão-piloto do questionário com 19 perguntas abertas. Após análise das respostas, organizou-se uma nova versão da entrevista com nove questões abertas distribuídas nas mesmas quatro categorias e acrescidas de tópicos exploratórios.

### **Procedimentos de Coleta dos dados**

Os participantes do estudo foram contatados por meio de ligação e *e-mail* pelo pesquisador que é psicólogo clínico, especializando em psicoterapia de orientação psicanalítica, além de mestrando em psicologia clínica. Após o aceite de participação, foi agendado com o profissional a realização do questionário semiestruturado e da entrevista.

Seis profissionais receberam o pesquisador em seu consultório particular e cinco nas instituições de formação. Os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, sendo uma via para o pesquisador e outra para o participante. Após esse procedimento, deu-se início à gravação do áudio da entrevista. Primeiro, foi preenchida a ficha de dados sociodemográficos e posteriormente a entrevista semiestruturada. As entrevistas duraram em média 35 minutos. O pesquisador informou que a devolução dos achados de pesquisa seria fornecida aos participantes após a publicação em revista científica.

### **Procedimentos Éticos**

A pesquisa esteve amparada pela Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, órgão do Ministério da Saúde (2016), bem como foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS (CAE: 60157816.8.0000.5344), por meio do parecer nº 1.790.149.

### **Procedimentos de Análise dos dados**

Os dados foram analisados por meio da análise temática (AT) realista (Braun & Clarke, 2006). Ela é compreendida como uma análise de temas predominantes em

entrevistas, tem como propósito operar com a realidade dos participantes envolvidos na pesquisa (Braun & Clarke, 2006).

Inicialmente, foi transcrito o áudio das entrevistas pelo mestrando e por uma bolsista de iniciação científica da graduação em psicologia e membro do grupo de pesquisa no programa de pós-graduação do qual o mestrando fazia parte. Após a transcrição, o material foi lido de forma livre. Na segunda leitura, foram assinaladas as unidades temáticas. Já na terceira leitura, as unidades temáticas geraram os temas da pesquisa.

As entrevistas foram analisadas e categorizadas por dois juízes independentes, sendo um mestrando em psicologia e o outro uma estudante de psicologia, em fase final da graduação e bolsista de iniciação científica. Nos casos em que houve divergência, uma terceira juíza, pós-doutora na área de psicologia, foi convidada a categorizar os materiais. Assim, para a solução dos casos contraditórios foi adotado o consenso entre juízes.

Nesse sentido, as comunicações foram reunidas em temas, sendo: (1) experiência dos profissionais na utilização das tecnologias de informação e comunicação na clínica psicoterápica psicodinâmica; (2) impactos das tecnologias de informação e comunicação na técnica psicanalítica e (3) formação do profissional para manejo dos recursos tecnológicos na clínica. Neste artigo, serão apresentados os resultados dos temas (1) experiência dos profissionais na utilização das tecnologias de informação e comunicação na clínica psicoterápica psicodinâmica e (3) a formação do profissional para manejo dos recursos tecnológicos na clínica. O tema (2) impactos das tecnologias de informação e comunicação na técnica psicanalítica, foi objeto de discussão em outro artigo elaborado pelo mestrando e que faz parte da dissertação de mestrado.

## **Resultados**

No que se refere à utilização dos recursos tecnológicos de informação e comunicação, o *WhatsApp* foi a tecnologia mais utilizada entre os psicoterapeutas (n=11). Além deste, os entrevistados usavam em sua prática clínica outras TICs, como o *Facebook* (n=9) e *Messenger* (n=3), nenhum dos participantes foi procurado em outros meios tecnológicos de informação e comunicação.

A partir da análise dos dados, os relatos foram agrupados em unidades temas e posteriormente geraram categorias de análise temática, a saber: (1) experiência dos profissionais na utilização das tecnologias de informação e comunicação na clínica psicoterápica psicodinâmica e (2) formação do profissional para manejo dos recursos tecnológicos na clínica. A seguir, apresentam-se os resultados.

### **Experiência dos profissionais na utilização das TICs na clínica psicoterápica psicodinâmica**

#### *Percepção dos profissionais sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação*

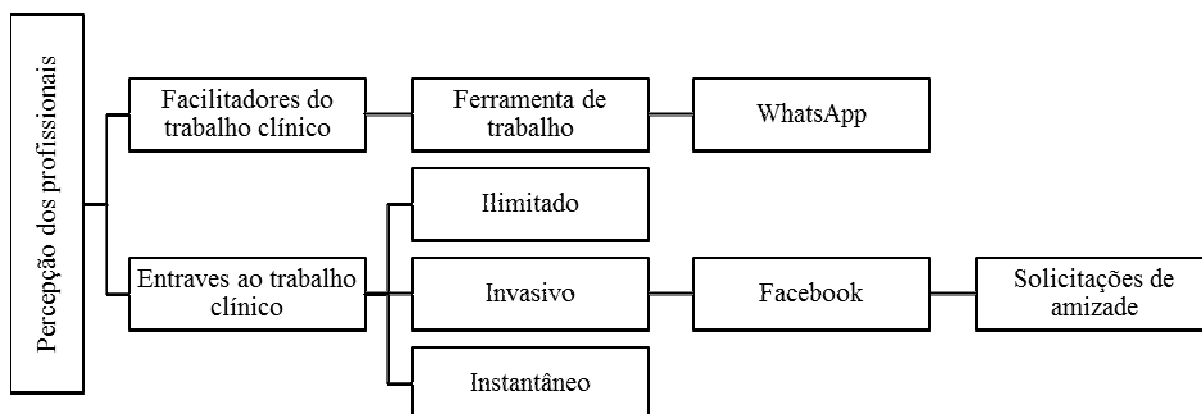
O primeiro tema, (1) experiência dos profissionais na utilização das tecnologias de informação e comunicação na clínica psicoterápica psicodinâmica, está dividido em dois subtemas, (a) percepção dos profissionais sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação e outro sobre o (b) manejo das tecnologias na relação terapeuta-paciente.

O primeiro subtema, percepção dos profissionais sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação, reuniu comunicações relacionadas às características dessas ferramentas como facilitadoras do trabalho clínico, assim como os entraves para o exercício profissional. O Quadro 1 sintetiza os resultados:



Quadro 1

Experiência dos profissionais na utilização das tecnologias de informação e comunicação na clínica psicoterápica psicodinâmica - Percepção dos profissionais sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação



Como facilitadores do trabalho clínico, percebeu-se que o *WhatsApp* foi a principal tecnologia de informação e comunicação utilizada como ferramenta de trabalho profissional. O relato exemplifica a utilização dessa tecnologia entre terapeuta e paciente, “*eu tenho usado com (...) duas pacientes específicas, que têm Transtorno de Pânico, então quando elas tão muito angustiadas eu já tenho uma combinação prévia de que elas podem me acessar pelo WhatsApp*” (participante 3). Outra forma de utilização refere-se a combinações pontuais entre a dupla, conforme o exemplo a seguir: “*Muito mais naquela coisa de marcar: ‘Querida marcar contigo’ ou desmarcar paciente: ‘Ah, preciso desmarcar a consulta hoje. Dá para transferir?’ Ou ‘Eu preciso de uma sessão extra’*” (participante 4). Assim as TICs ampliam as possibilidades de intervenção e compreensão do indivíduo por parte do psicoterapeuta.

Entretanto, a utilização das tecnologias de informação e comunicação também pode gerar alguns entraves ao trabalho clínico, como uma comunicação invasiva “*essa paciente eu mudei a visualização [do WhatsApp] porque eu via que quando eu estava online à noite, ou em algum momento, ela vinha querer conversar*” (participante 2). Em

outra situação com uma terapeuta, “*a mãe filmou os surtos da criança [paciente] e me mandou por ‘Whats’ fora do horário em que eu pudesse estar no consultório*” (participante 9). Outro entrave encontrado pelos profissionais seria como uma forma comunicativa ilimitada, “*Ela insiste em me mandar mensagens no final de semana. Então, quanto deu [os atendimentos]? Qual foi o valor das consultas esse mês para mandar o cheque?*” (participante 5) ou “*O WhatsApp me incomoda, porque não tem horário*” (participante 9). Além disso, gerar uma forma instantânea de comunicação, como se o terapeuta estivesse que estar presente e disponível integralmente para o paciente “*As pessoas [pacientes] mandam WhatsApp e ficam esperando a resposta na hora, só que nem sempre eu posso dar a resposta na hora, mas parece que os pacientes não entendem. Alguns ficam até bravos com isso, parece que não entendem*” (participante 4).

Ainda quanto aos entraves ao processo clínico, surgiram nos relatos dos participantes o desconforto com as solicitações de amizades por meio do *Facebook*. O relato a seguir ilustra a percepção dos psicoterapeutas quanto ao uso do *Facebook*, “*o meu Facebook é bem restrito e eu não aceito convite de ninguém*” (participante 3) e “*Acho que o Facebook é mais pessoal, não acho que os pacientes tenham que me ter nele, não aceito as solicitações porque ali eu posto coisas da minha vida que o paciente não precisa saber*” (participante 2). Pode-se perceber que essa mídia social é destinada exclusivamente a informações de caráter pessoal e que as solicitações recebidas dos pacientes são observadas como uma invasão ao seu espaço individual.

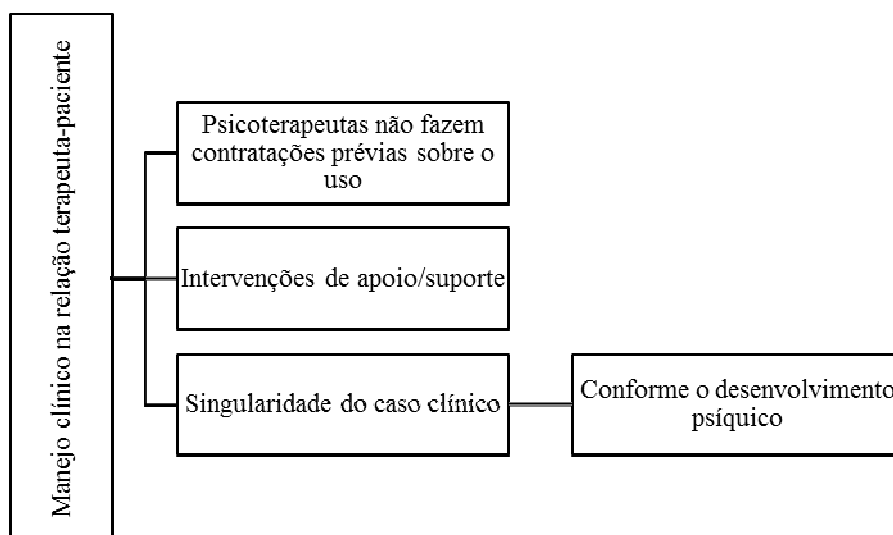
#### *Manejo das tecnologias na relação terapeuta-paciente*

O segundo subtema, manejo das tecnologias na relação terapeuta-paciente, reuniu unidades temáticas referentes a como os psicoterapeutas utilizam as tecnologias

com os seus pacientes e as intervenções realizadas por meio das tecnologias. O Quadro 2 demonstra os resultados:

Quadro 2

Experiência dos profissionais na utilização das tecnologias de informação e comunicação na clínica psicoterápica psicodinâmica - Manejo das tecnologias na relação terapeuta-paciente



Por meio das entrevistas com os profissionais, percebeu-se que eles não realizam combinações prévias sobre o uso das tecnologias com os seus pacientes *“eu não faço combinações prévias sobre o uso, eu acho que o paciente vai usar os recursos que ele quiser e a partir disso a gente vai trabalhar”* (participante 11). Porém, alguns profissionais defendem que a utilização das tecnologias de informação e comunicação devem estar presentes nas combinações de contrato terapêutico, no início do tratamento *“Acho que agora tem que começar a estabelecer novas regras, né. Pra que serve o WhatsApp, né, para não acontecer atuações depois”* (participante 4).

Nesse sentido, devido ao uso ser restrito ao contrato terapêutico pelos psicoterapeutas, as intervenções nesses meios têm se diferenciado de acordo com o estilo terapêutico do psicólogo. Enquanto uma pequena parcela dos entrevistados utilizava as TICs independentemente do caso clínico, como com pacientes com um

funcionamento psicopatológico grave “...um paciente ‘border’ gravíssimo (...) ele se sentia muito inseguro para a sala de aula. E aí ele me propôs mandar uma mensagem quando ele chegasse na aula e uma mensagem quando ele saísse da aula (...), era uma maneira dele se sentir mais seguro” (participante 10), a maioria dos entrevistados prefere estabelecer a comunicação de forma singular. Ou seja, utilizam de acordo com o vínculo estabelecido e com as necessidades que o terapeuta julga serem necessárias para a relação terapêutica e não com um transtorno psicopatológico, um exemplo dessa escolha está demonstrado na vinheta a seguir “O meu critério é muito a minha contratransferência. Não sei nem se só a psicopatologia, mas acho que aquilo que a pessoa tá vivendo naquele momento” (participante 5).

De modo geral, os psicoterapeutas sinalizam que, com pacientes limítrofes, essas tecnologias deveriam ser utilizadas de forma cautelosa, pois são formas de comunicação passíveis de atuação pelo paciente. Exemplo da restrição evidenciou-se no depoimento a seguir, “eu já fiz [uma combinação] com um paciente ‘border’. Combinar de não me mandar tanto ‘Whats’, da gente combinar que ia me ligar quando não tivesse bem e coisa assim, mas no caso de paciente ‘border’, eu tive que cortar essa situação porque tava demais” (participante 8).

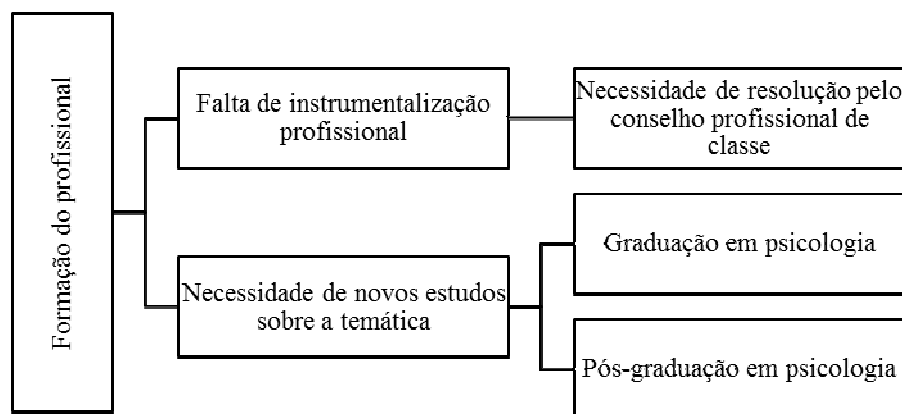
### **Formação do profissional para manejo dos recursos tecnológicos na clínica**

O segundo tema, (2) formação do profissional para manejo dos recursos tecnológicos na clínica, encontrou temáticas relacionadas às dificuldades de instrumentalização profissional, bem como à necessidade da inclusão da temática das novas tecnologias de informação e comunicação em psicoterapia no currículo de ensino da psicologia, tanto em nível de graduação quanto na pós-graduação, e ao

estabelecimento de resoluções pelo conselho de classe profissional. O Quadro 3 apresenta as análises realizadas.

Quadro 3

Formação do profissional para manejo dos recursos tecnológicos na clínica.



Em relação à falta de instrumentalização profissional, os participantes relataram que encontravam pouca literatura sobre o tema *“o que eu tenho visto é que saiu na revista, a última do Conselho de Psicologia, acho que foi Federal, mais em relação ao atendimento via Skype, mas eu por enquanto não sei nada sobre mídias, de arranjos ou negociações, eu acho que há uma necessidade de se estudar”* (participante 2). Os entrevistados apontaram que seria importante, inclusive, o posicionamento do Conselho de Psicologia no que se refere ao manejo das tecnologias, não apenas em caráter experimental, mas na prática clínica.

Além disso, os profissionais consideraram que não receberam a formação profissional adequada, seja em nível de graduação ou pós-graduação para manejarem as tecnologias no contexto de prática clínica *“Não se teve nenhum momento específico pra se falar sobre isso. Se apareceu foi por alguma situação clínica”* (participante 1). Em outro exemplo, *“a minha formação foi com professoras que não tinham muito acesso a isso”* (participante 6). Entretanto, os participantes buscavam a supervisão e os eventos

científicos disponíveis na área para aperfeiçoar tecnicamente os seus conhecimentos “*acho que se fala pouco sobre isso [tecnologia e psicoterapia] e o espaço em que eu discuto isso às vezes são com colegas ou em supervisão, acho que a gente precisa discutir mais em diferentes espaços acadêmicos*” (participante 7). Portanto, essas situações podem evidenciar o despreparo dos profissionais para a utilização e manejo das tecnologias em contexto de psicoterapia.

### **Discussão**

Por meio das entrevistas, evidenciou-se que a utilização das tecnologias de informação e comunicação no decorrer do exercício profissional dos psicoterapeutas foi presente, pois todos os entrevistados utilizavam o *WhatsApp* e alguns desses usavam ainda outras formas tecnológicas de informação e comunicação. No entanto, os resultados demonstram que o seu uso pode ser tanto facilitador do trabalho psicodinâmico como também ser uma ferramenta que pode dificultar a prática clínica. Somada a isso, a falta de instrumentalização profissional, assim como as singularidades dos casos clínicos dificultam os manejos profissionais no processo psicoterapêutico.

Em relação à percepção dos profissionais sobre as tecnologias de informação e comunicação como uma ferramenta de trabalho, encontrou-se resultados nesta pesquisa que estão em consonância com o estudo de Hallberg e Lisboa (2016) em que se sugeriu que os psicoterapeutas clínicos tendem a utilizar mais a *Internet* no contexto profissional do que em outras épocas. Ainda no trabalho de Hallberg e Lisboa (2016), uma pequena parcela dos entrevistados, 21,2% de 155 entrevistados, afirmou ter oferecido algum tipo de serviço psicológico pela *web*. Os motivos para a baixa adesão às TICs, naquele estudo, estavam relacionados ao caráter experimental da prática da

psicologia *online* e à discussão sobre a eficácia dessa modalidade de atendimento (Hallberg & Lisboa, 2016). Associados às questões éticas e técnicas a psicoterapia, apresenta-se neste artigo um avanço na compreensão desse fenômeno, acrescentando os sentimentos manifestados pelos psicoterapeutas, como ilimitado, invasivo, instantâneo, e o recebimento das solicitações de amizades por meio do *Facebook*. Ou seja, o fato da baixa adesão às TICs não estaria relacionado somente à falta de informações sobre a eficácia do uso e ao caráter experimental, mas poderia também se relacionar à insegurança dos terapeutas.

Embora diversos estudos contribuam para a discussão dos benefícios nas intervenções psicoterapêuticas por meio das tecnologias de informação e comunicação (Barnett, 2011; Pieta & Gomes, 2014; Sfoggia et al., 2014), a percepção dos profissionais participantes da pesquisa é de que mesmo que as TICs sejam consideradas uma ferramenta de trabalho, elas podem proporcionar compreensões negativas sobre seu uso. Considerando essas questões, pode-se refletir que as situações evidenciadas nos relatos poderiam ser exemplos de manifestações contratransferenciais em decorrência da relação terapêutica, ou seja, as comunicações expressas nessas formas tecnológicas fariam parte de uma presença comunicativa entre a dupla (Carlino, 2011).

O conceito de presença comunicativa é sugerido por Carlino (2011), explicando uma forma de vínculo mesmo quando não há presença física do terapeuta e do paciente em sessão. Nesse caso, há um canal comunicativo entre a dupla, em que estes estão fisicamente longe, mas emocionalmente próximos. Assim, estão passíveis, em conjunto, de estabelecer uma relação de trabalho psicoterapêutico. Esse mesmo autor conclui que não há diferenças significativas entre os diferentes tipos de *setting's* para atendimento, seja presencial ou por tecnologias de informação e comunicação (Carlino, 2011),

portanto amplia-se a possibilidade de intervenção e manejo nesses novos canais comunicativos.

Ainda, sobre os sentimentos de ilimitado, invasivo, instantâneo e o recebimento de solicitações de amizade, pode-se propor que essas manifestações podem ser formas do paciente se aproximar de seu psicoterapeuta em nível mais ou menos integrado, projetando como este sujeito realiza em seus relacionamentos interpessoais. Por exemplo, sob o prisma da Psicologia Psicanalítica do Ego, um paciente com déficits de ego pode utilizar essas tecnologias justamente para construir condições de estruturar sua capacidade egoica, sendo necessário que o profissional entenda que devido a falhas no desenvolvimento, o paciente utiliza as TICs como uma forma de preencher essas dificuldades (Migone, 2013).

Nesse sentido, Migone (2013), a partir da contribuição de Eissler (1953), discute que o uso dessas tecnologias seria um parâmetro para a técnica psicoterápica, com o intuito de auxiliar temporariamente um paciente, em sofrimento e com dificuldades de tolerar a psicoterapia em seu modelo clássico Freudiano. Portanto, parece ser necessário que a teoria psicanalítica possa se atualizar para abarcar de forma ética e coerente essas novas tecnologias no contexto social em que estamos inseridos (Kowacs, 2014; Nóbrega, 2015).

No que se refere ao manejo clínico das tecnologias de informação e comunicação, encontra-se resultados neste estudo demonstrando que os psicoterapeutas usam essas tecnologias em situações pontuais e dependendo de cada sujeito, ou seja, não há uma generalização. O uso clínico é realizado em consideração a singularidades dos sujeitos atendidos pelos terapeutas, indo ao encontro do que se apresenta na literatura sobre o tema (Carlino, 2011; Migone, 2013; Nóbrega, 2015). Diversos autores acreditam que tanto pacientes com características neuróticas, quanto aqueles com um



desenvolvimento mais psicótico podem se beneficiar da utilização dessas tecnologias, entretanto deve ser avaliado caso a caso (Carlino, 2011; Migone, 2013; Nóbrega, 2015).

Também poderia ser útil com pacientes adolescentes ansiosos (Carlino, 2011), até com aqueles que têm dificuldades no estabelecimento de relacionamentos interpessoais ou contatos mais íntimos com o terapeuta (Migone, 2013). Portanto, os casos apresentados nos relatos deste estudo, uma com paciente que apresentava um quadro de ansiedade e outra com um indivíduo identificado com um funcionamento *borderline* de personalidade, demonstraram que as tecnologias, nessas situações, ingressaram como uma forma de fornecer continência em situações críticas vivenciadas pelos clientes.

Em relação às intervenções por meio das tecnologias de informação e comunicação, foram identificados manejos com caráter de suporte, delineados em um modelo de apoio ao paciente, não sendo observadas propostas interpretativas e que gerassem *insight* por meio das TICs. Possivelmente, por causa das características próprias da psicoterapia psicanalítica, em que se mantém preservado sempre que possível o *setting* terapêutico para o exercício de questões técnicas e as intervenções psicanalíticas serem menos focais que em outras abordagens (Hallberg & Lisboa, 2016), a condução de intervenções expressivas estaria reservada ao processo presencial. Além dessa situação, a falta de instrumentalização profissional, poderia fomentar a não aderência de outras formas de uso pelos psicoterapeutas.

Por fim, a partir das comunicações do eixo formação do profissional para manejo dos recursos tecnológicos na clínica, pode-se refletir que devido ao exercício psicoterápico *online* ser uma prática experimental no Brasil (Conselho Federal de Psicologia [CFP], 2012) e a literatura sobre o tema ainda ser pouco acessível na América Latina, pois a maioria dos estudos estão na língua inglesa (Pires, 2015), os

psicoterapeutas acabam por adotar uma postura cautelosa na utilização e no manejo, respeitando os princípios técnicos ensinados nas instituições de formação em relação à psicoterapia psicanalítica (Migone, 2013). Ainda, em muitas delas, como apresentado nos resultados desta pesquisa, não há um espaço para diálogo na especialização para discutir essa temática, ou se possui acaba por ser pouco, reforçando a construção de uma técnica pautada em um saber clássico, por vezes podendo desconsiderar as contribuições contemporâneas na utilização das TICs.

No entanto, se expandir a compreensão da técnica psicoterápica psicanalítica a países que já adotam a psicoterapia à distância, podemos encontrar estudos sob duas diferentes direções, a primeira sob o prisma que encoraja o uso ético e responsável das tecnologias (Carlino, 2011; Scharff, 2012; Scharff, 2013) e a segunda sob o ponto de vista daqueles que clamam por cautela e pela adoção da técnica psicodinâmica tradicional (Barbieri, 2005; Russell, 2015). Contudo, como relata Nóbrega (2015), a psicanálise *online* já está acontecendo nos consultórios psicoterápicos muito antes de os próprios profissionais discutirem com os seus colegas, podendo, inclusive, transpor a psicoterapia de orientação psicanalítica tradicional. Portanto, cabe aos pesquisadores e psicoterapeutas clínicos, atentarem-se a essa nova forma de comunicação e possibilitarem um diálogo seja na formação, em supervisão ou na sua própria rotina de estudos.

### **Conclusão**

O presente estudo teve como objetivos compreender a percepção de psicoterapeutas de orientação psicanalítica sobre a utilização das tecnologias de informação e comunicação com os seus pacientes; identificar o uso das TICs em

diferentes níveis de funcionamento psíquicos e, por fim, verificar os conhecimentos científicos dos psicoterapeutas psicodinâmicos sobre as suas formações profissionais. Nesse sentido, os resultados demonstraram que a percepção dos profissionais foi de que esses novos recursos tecnológicos são formas de comunicação que podem facilitar o trabalho terapêutico, servindo como ferramenta de trabalho, mas que também impõem limites no exercício clínico, manifestando compreensões associadas aos sentimentos de invasão, falta de limite, instantaneidade e no caso do *Facebook*, desconforto relacionado à privacidade das informações pessoais.

Além disso, percebeu-se que os manejos técnicos estavam relacionados com a singularidade do caso clínico e não com níveis de funcionamento psíquicos; portanto, nesses casos, pode ser utilizado tanto com pacientes com graus de funcionamento integrados quanto com pacientes mais primitivos e regressivos. Por fim, a percepção dos profissionais quanto à sua formação foi de que houve a falta de instrumentalização profissional em níveis de graduação e pós-graduação, evidenciando a necessidade de resoluções por parte do conselho profissional.

Contudo, observou-se que a tecnologia pode ser útil no fazer clínico dos profissionais se estes estiverem bem preparados para o uso das tecnologias de informação e comunicação e disporem de materiais científicos que os auxiliem na formação. Esses recursos podem apresentar benefícios aos terapeutas e pacientes, se aqueles reconhecerem as possibilidades e limites do uso e possibilitarem, por exemplo, que os pacientes tenham uma melhor vinculação ao tratamento oferecido. Somado a essas questões, as TICs podem servir de parâmetro à técnica psicoterápica preenchendo falhas no desenvolvimento, reatualizadas na vivência com o psicoterapeuta. Contudo, se utilizadas de forma não reflexiva, poderiam gerar abandono ao tratamento, ou atrapalhar o processo em andamento.

É importante investigar também a percepção dos pacientes sobre o uso dessas tecnologias de informação e comunicação com os seus terapeutas, seja no campo das intervenções presenciais ou a distância. A psicoterapia psicanalítica, conjugada a novas tecnologias de informação e comunicação, desponta como um campo promissor de investigação, pois a tendência parece ser de um crescente uso por parte da população. Desse modo, tanto pesquisadores quanto psicoterapeutas necessitam adotar um modelo reflexivo de estudos para não se prenderem a uma técnica rudimentar e restrita.

### Referências

- Barcellos, E. D., Campezzato, P. V. M., Geremia, L., Vieira, M. F., Cavalheiro, R., & Klarmann, R. P. (2015). As novas formas de comunicação e suas possíveis influências sobre o *setting* e o campo psicoterápico. *Psicoterapia Psicanalítica*, 17, 39-51.
- Barnett, J. E. (2011). Utilizing technological innovations to enhance psychotherapy supervision, training, and outcomes. *Psychotherapy*, 48(2), 103.  
Doi:10.1037/a0023381
- Barbieri, C. P. (2005). A desregulação da psicanálise. In: Teixeira, A. (Org). Especificidades da ética da psicanálise. Salvador: Associação Científica Campo Psicanalítico.
- Brasil. Ministério da Saúde (2016). Conselho Nacional de Saúde. *Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Resolução 510 de 07 de abril de 2016*. Brasília, DF: Presidência da República.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative research in psychology*, 3(2), 77-101. Disponível em:

<http://www.tandfonline.com/doi/citedby/10.1191/1478088706qp063oa?scroll=top&needAccess=true>

- Breakwell, G. M., Hammond, S., Five-Schaw, C. & Smith, J. A. (2010). *Métodos de pesquisa em psicologia*. (F. R. Elizalde, Trans.). (3. ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Carlino, R. (2011). *Distance psychoanalysis: the theory and practice of using communication technology in the clinic*. (James Nuss. Trad.) Londres: Karnac Books.
- Conselho Federal de Psicologia. (2012). *Regulamenta os serviços psicológicos realizados por meios tecnológicos de comunicação a distância, o atendimento psicoterapêutico em caráter experimental e revoga a Resolução CFP N.º 12/2005*. Resolução CFP nº 011/ 2012. Brasília, DF: Autor
- Distéfano, M. J., Mongelo, M. C., O’Conor, J., & Lamas, M. C. (2015). Psicoterapia y tecnología: implicancias y desafíos en la inserción de recursos innovadores en la práctica clínica argentina. *Revista Electrónica de Psicología Iztacala*, 18(4).  
Disponível em:  
<http://www.revistas.unam.mx/index.php/rep/rep/article/view/53433/47525>
- Eissler, K. R. (1953). The effect of the structure of the ego on psychoanalytic technique. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 1, 104–143. Disponível em  
<http://www.psychomedia.it/pm/modther/probpsiter/eiss53-2.htm>
- Feijó, L. P., Pessota, C. M., Silva, N. B., & Benetti, S. P. C. (2016). Recursos tecnológicos de comunicação e Psicanálise: Revisão sistemática sobre os impactos positivos e negativos na técnica. *Anais do XII Congresso Latino Americano de Pesquisa em Psicoterapia da SPR/LA e IV Simpósio de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Unisinos*. Porto Alegre: Society for Psychotherapy

Research. Disponível em <http://www.unisinos.br/images/eventos/2016/xxii-congresso-latinoamericano-psicoterapia/livro-de-resumos-2016-2.pdf>

Fontanella, B. J. B., Ricas, J., & Turato, E. R. (2008). Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cadernos de Saúde Pública*, 24(1), 17-27. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2008000100003>

Freud, S. (1912). Recomendações aos jovens médicos que exercem a psicanálise. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda.

Freud, S. (1914). Recordar, repetir e elaborar. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda.

Freud, S. (1920). Além do princípio do prazer. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda.

Gerhardt, T. E., & Silveira, D. T. (2009). *Métodos de Pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Hallberg, S. C. M., & Lisboa, C. S. M. (2016). Percepção e uso de tecnologias da informação e comunicação por psicoterapeutas. *Temas em Psicologia*, 24(4), 1297-1309. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.9788/TP2016.4-06>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2013). Pesquisa nacional por amostra de domicílios: Acesso à internet e televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal. *IBGE*. Acessado em 28 de janeiro de 2016, disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv93373.pdf>

- Kowacs, C. (2014). Prática psicanalítica, tecnologia e hipermodernidade. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 21(3), 629. Disponível em <http://revista.sppa.org.br/index.php/RPdaSPPA/article/view/135/230>
- Laville, C. & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre, Artmed.
- Laskoski, P. B., Gastaud, M. B., Goi, J. D., Bassols, A. M. S., Machado, D., Costa, C. P. D., Torres, M., Costa, F. B. P., & Eizirik, C. L. (2013). A hipermodernidade e a clínica psicanalítica. *Revista brasileira de psicoterapia*. Porto Alegre. Vol. 15, n. 2 (2013), p. 14-24. Disponível em [http://rbp.celg.org.br/detalhe\\_artigo.asp?id=118](http://rbp.celg.org.br/detalhe_artigo.asp?id=118)
- Leitão, C. F., & Nicolaci-da-Costa, A. M. (2005). Impactos da internet sobre pacientes: a visão de psicoterapeutas. *Psicologia em estudo*, 10(3), 441-450. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v10n3/v10n3a11>
- Lisondo, A. B. D. (2012). *As novas tecnologias que permitem a psicanálise a distância inovam a tradição? Ou elas dificultam a compreensão das novas inovações teóricas e técnicas da psicanálise contemporânea?* Montevideu: Federação Psicanalítica da América Latina.
- Luz, A. B. (2015). Oi. Q horas mesmo ficou nossa sessão? TKS. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 49(1), 165-175.
- Migone, P. (2013). Psychoanalysis on the Internet: A discussion of its theoretical implications for both online and offline therapeutic technique. *Psychoanalytic Psychology*, 30(2), 281. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1037/a0031507>
- Nóbrega, S. B. (2015). Psicanálise on-line: finalmente saindo do armário?. *Estudos de Psicanálise*, (44), 145-150. Recuperado em 04 de abril de 2017. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372015000200016&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372015000200016&lng=pt&tlng=pt).

- Pieta, M. A. M., & Gomes, W. B. (2014). Online therapy: viable or unviable?. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 34(1), 18-31. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932014000100003>
- Pires, A. C. J. (2015). Sobre os “tratamentos à distância” em psicoterapia de orientação analítica. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, 17(2), 11-21. Disponível em: [http://rbp.celg.org.br/detalhe\\_artigo.asp?id=174](http://rbp.celg.org.br/detalhe_artigo.asp?id=174)
- Russell, G. I. (2015). *Screen relations: The limits of computer-mediated psychoanalysis and psychotherapy*. London: Karnac Books Ltd.
- Saraiva, L. A., & Nunes, M. L. T. (2007). A supervisão na formação do analista e do psicoterapeuta psicanalítico. *Estudos de Psicologia*, 12(3), 259-268. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v12n3/a08v12n3>
- Scharff, J. S. (2012). Clinical issues in analyses over the telephone and the internet. *The International Journal of Psychoanalysis*, 93(1), 81-95. Doi: 10.1111/j.1745-8315.2011.00548.x.
- Scharff, J. S. (2013) *Psychoanalysis Online: Mental Health, Teletherapy, and Training*. London: Karnac.
- Stadter, M. (2013). The influence of social media and communications technology on self and relationships. In: Scharff, J. S. *Psychoanalysis Online: Mental Health, Teletherapy and Training*. (1 ed.). Londres: Karnac Books Ltd.
- Sfoggia, A., Kowacs, C., Gastaud, M. B., Laskoski, P. B., Bassols, A. M., Severo, C. T., Machado, D., Krieger, D. V., Torres, M. B., Teche, S. P., Wellausen, R. S., & Eizirik, C. L. (2014). Therapeutic relationship on the web: to face or not to face?. *Trends in Psychiatry and Psychotherapy*, 36(1), 3-10. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/2237-6089-2013-0048>



Tong, A., Sainsbury, P., & Craig, J. (2007). Consolidated criteria for reporting qualitative research (COREQ): a 32-item checklist for interviews and focus groups. *International Journal for Quality in Health Care*, 19(6), 349-357.

Doi:[10.1093/intqhc/mzm042](https://doi.org/10.1093/intqhc/mzm042)

Zilberstein, K. (2015). Technology, relationships and culture: Clinical and theoretical implications. *Clinical Social Work Journal*, 43(2), 151-158. Doi: 10.1007/s10615-013-0461-2

Zimmerman, D. E. (1999). *Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica, clínica – uma abordagem didática*. Porto Alegre: Artmed Editora

## **ARTIGO II - Impacto das tecnologias de informação e comunicação na técnica psicoterápica psicanalítica**

**Resumo:** As Tecnologias de Informação e Comunicação têm ingressado em diversos contextos, entre eles, os consultórios que oferecem serviço psicoterápico presencial. Nessa perspectiva, o uso desses recursos impacta em conceitos técnicos da psicoterapia psicanalítica. Portanto, o objetivo deste estudo foi o de compreender como os psicoterapeutas de abordagem psicodinâmica percebem os impactos na técnica psicoterápica psicanalítica presencial. Foi realizada uma pesquisa qualitativa e exploratória com 11 psicólogos que tinham especialização em psicoterapia de orientação psicanalítica. Eles responderam à entrevista semiestruturada e a uma ficha de dados sociodemográficos. Os dados foram analisados por meio de análise temática. Os resultados evidenciaram impactos relacionados à aliança terapêutica, à neutralidade, ao *setting* psicoterápico e à transferência, indicando que a utilização pode proporcionar diferentes compreensões da relação terapêutica e da dinâmica de funcionamento psíquico do paciente. O estudo contribuiu para auxiliar os profissionais no manejo das TICs em psicoterapia e para fomentar a reflexão sobre a melhor forma de conjugar a tecnologia com a prática clínica presencial. Torna-se importante investigar as vivências dos psicoterapeutas e a sua formação acadêmica para ampliação das discussões sobre a temática.

**Palavras-Chave:** Psicologia Clínica; Psicoterapia Psicodinâmica, Mídias Sociais e Redes sociais.

**Abstract:** Information and Communication Technologies have penetrated various contexts, such as clinics that provide on-site psychotherapy services. From this perspective, using these resources impacts on technical concepts of psychoanalytic psychotherapy. Therefore, the objective of this study was to understand how psychodynamic psychotherapists perceive impacts of ICTs on psychoanalytic technique face-to-face. A qualitative and exploratory research was carried out with 11 psychologists, specialized in psychoanalytic psychotherapy. They responded to a semi-structured interview and a sociodemographic data sheet. The data were analyzed through thematic analysis. The results evidenced the impacts related to therapeutic alliance, neutrality, psychotherapeutic setting, and transference, indicating that the use may provide different understandings of the therapeutic relationship and the psychic functioning of the patient. The study contributed to help professionals manage ICTs in psychotherapy and encouraged reflection on how best to combine technology with clinical practice in the classroom. It is important to investigate the experiences of psychotherapists and their academic formation to broaden the discussions on the subject.

**Keywords:** Psychology, Clinical, Psychotherapy, Psychodynamic, Social Media and Social Networking

## Introdução

Estima-se que 85,6 milhões de brasileiros, 49,4% da população, utilizem a *Internet* por meio de microcomputador, telefone móvel, *tablet* e outros recursos tecnológicos. Com base nisso, apresenta-se um panorama em que os recursos tecnológicos de informação e de comunicação (TICs) estão cada vez mais presentes na sociedade brasileira (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2013).

Por meio da *Internet*, são acessados *WhatsApp*, *Messenger*, *Telegram*, *Facebook* e outras formas tecnológicas de comunicação e de informação<sup>1</sup>. Essas ferramentas proporcionam a troca de comunicações virtuais entre duas ou mais pessoas, objetivando produzir, manipular e compartilhar informações (Barcellos et al., 2015; Distéfano, Mongelo, O’Conor & Lamas, 2015).

Além da utilização na vida diária, essas formas de comunicação podem surgir também no contexto clínico de psicoterapia (Ungar, 2009; Zilberstein, 2015). Psicoterapia é a prática profissional realizada por psicólogos, que utilizam métodos sistemáticos e técnicas cientificamente reconhecidas para analisar e compreender indivíduos ou grupos, de forma sigilosa e ética (Conselho Federal de Psicologia [CFP], 2000).

Por estarem presentes também no contexto psicoterápico, Gabbard, Kassaw e Perez-Garcia (2011) sugerem que profissionais da área da saúde possam dispor de mecanismos que preservem sua identidade. Ademais, preconizam que as instituições de formação possam ensinar os alunos sobre as fronteiras na relação terapeuta e paciente e as questões éticas relacionadas à tecnologia. No entanto, as recomendações enfocam a proteção do terapeuta, possibilitando espaço para discussão no que concerne aos

---

<sup>1</sup> Conhecidos popularmente por mídias sociais.

impactos dos recursos tecnológicos na técnica e no processo psicoterápico, especialmente na abordagem psicodinâmica. Em geral, os psicoterapeutas dessa teoria adotam intervenções menos focais, mais interpretativas em uma relação presencial (Hallberg & Lisboa, 2016).

A literatura nacional e internacional apresenta uma série de artigos relacionando psicoterapia e recursos tecnológicos (TICs). Grande parte desses estudos estão voltados para psicoterapia a distância (Pieta & Gomes, 2014; Pieta, Siegmund, Gomes & Gauer, 2015). A maioria das pesquisas tem origem nos Estados Unidos, onde a prática de terapias *online* é reconhecida e aceita (Crestana, 2015). Além disso, os estudos relacionando TICs com a psicoterapia também versam sobre treinamento e supervisão a distância, mas poucos sobre a técnica no contexto presencial (Barnett, 2011).

Os artigos que discutem sobre as TICs como recursos tecnológicos na psicoterapia presencial, principalmente na América do Sul, são escassos ou não estão indexados nas bases de dados digitais (Pires, 2015). Entretanto, diversos autores sugerem estudos sobre o uso e manejo dos recursos tecnológicos em psicoterapia presencial como uma possibilidade a ser mais bem compreendida para o aprimoramento da técnica psicoterápica, uma vez que há poucas evidências clínicas sobre o assunto (Barcellos et al., 2015; Hallberg & Lisboa, 2016; Neves & Silva, 2014; Pires, 2015).

Estudos evidenciam que o uso dos recursos tecnológicos de comunicação e informação, como o envio de mensagens de texto/*WhatsApp*, poderia aumentar a aderência ao tratamento e favorecer a aliança terapêutica (Bunge, Lópes, Mandil, Gomar, & Borgialli, 2009; Distéfano, Mongelo, O'Connor, & Lamas, 2015). A aliança terapêutica é um fator comum às abordagens psicoterápicas, composta do acordo nos objetivos e nas tarefas do tratamento, além do estabelecimento de um vínculo positivo de confiança e apego entre a dupla terapeuta e paciente que possibilita o trabalho

psicoterápico (Oliveira & Benetti, 2015). Contudo, os desafios para o incremento dessa prática – TICs na clínica, estariam relacionados aos receios e rechaços dos usuários, bem como uma possível interferência na relação com o terapeuta (Miró, 2007).

Embora as pesquisas de Bunge, Lópes, Mandil, Gomar e Borgialli (2009) e de Distéfano, Mongelo, O’Conor e Lamas (2015) discutam os recursos tecnológicos na psicoterapia de forma mais abrangente, o estudo de Barcellos et al. (2015) especifica o uso para a técnica psicoterapêutica psicanalítica. Para as autoras, as novas formas de comunicação acabam por serem situações extra-*setting* que, em muitos casos, não estão incluídas nas regras e no contrato estabelecido entre a dupla. A comunicação através dos recursos tecnológicos poderia expressar tanto as ações comunicativas, como também os *actings* e as resistências. Assim, essas situações precisariam ser trabalhadas na relação presencial com o paciente. (Barcellos et al., 2015; Sfoggia et al., 2014).

Sob esse prisma, a psicoterapia psicodinâmica centra-se nas recomendações legadas por Freud que se fundamentam na livre associação de conteúdos ocorrida na mente do paciente, na neutralidade e no anonimato do psicoterapeuta. A tarefa do terapeuta seria de tornar consciente o inconsciente através das intervenções psicanalíticas (Gabbard, 2015). Com elas, os conflitos do analisando/paciente poderiam ser ressignificados e passíveis de serem elaborados. Para isso, a dupla estabeleceria regras que norteariam o trabalho analítico e que favoreceriam o estabelecimento de uma neurose de transferência no *setting* terapêutico (Freud, 1912; Zimmerman, 1999). No entanto, quando se trata da inserção das mídias sociais no contexto psicoterápico, a literatura psicanalítica discute o uso de forma cautelosa, uma vez que esses dispositivos acabam por influenciar no que tange a noção das regras técnicas, de *setting* (Crestana, 2015; Luz, 2015; Stadter, 2013), neutralidade (Kowacs, 2014; Sfoggia et al., 2014),

transferência (Barbosa et al., 2013; Kowacs, 2014) e aliança terapêutica (Distéfano, Mongelo, O'Conor, & Lamas, 2015).

Embora o tema seja discutido há algum tempo, parece não haver consenso entre os profissionais atuantes na abordagem psicoterápica psicanalítica sobre como utilizá-las e manejá-las na relação presencial (Barcellos et al., 2015; Crestana, 2015). Ainda existe uma carência de pesquisas envolvendo essa abordagem, se comparadas a outras abordagens como a Terapia Cognitiva Comportamental (Hallberg, 2015; Machado et al., 2016); além disso, pouco se discute sobre a utilização do material clínico, as possibilidades e os limites dos recursos tecnológicos em psicanálise (Barcellos et al., 2015; Crestana, 2015; Machado et al., 2016). Portanto, este artigo tem como objetivo compreender como os psicoterapeutas de abordagem psicodinâmica percebem os impactos na técnica psicoterápica psicanalítica presencial em relação à utilização dos recursos tecnológicos de informação e comunicação com os seus pacientes.

## **Método**

### **Delineamento**

O presente estudo está pautado em uma abordagem qualitativa (Breakwell, Hammond, Five-Schaw, & Smith, 2010) e exploratória (Gerhardt & Silveira, 2009). Para qualificar o procedimento metodológico da presente pesquisa, foi utilizado o *Checklist Consolidated criteria for reporting qualitative research* (COREQ) com o intuito de apresentar de forma detalhada o relato dos dados (Tong, Sainsbury, & Craig, 2007). Os critérios do instrumento estão dispostos em 32 itens e divididos em três domínios, o primeiro refere-se à equipe de pesquisa, o segundo ao desenho do estudo e o terceiro à análise e às conclusões (Tong, Sainsbury, & Craig, 2007).

## **Participantes**

Participaram desta pesquisa 11 psicólogos, sendo dez mulheres e um homem, com formação em nível de pós-graduação em psicoterapia de orientação psicanalítica. Cabe destacar que os participantes selecionados concluíram a formação em psicoterapia psicodinâmica em diferentes centros de formação da região metropolitana de Porto Alegre no Rio Grande do Sul. Esse procedimento foi adotado pelo mestrando com o intuito de selecionar uma amostra que embora estudasse a mesma abordagem teórica, havia discutido os conceitos psicanalíticos sob perspectivas diferentes e realizado supervisão com professores distintos. Além disso, foi utilizado o critério de saturação dos dados (Fontanella, Ricas & Turato, 2008) para o número final de participantes, assim, quando se percebeu que as informações emitidas pelos participantes passaram a não apresentar novos conteúdos, encerraram-se as entrevistas.

## **Instrumentos**

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram: (1) ficha de dados sociodemográficos e (2) entrevista semiestruturada com questões norteadoras, ambas construídas pelo pesquisador. A entrevista semiestruturada foi desenvolvida a partir de um estudo-piloto realizado pelo mestrando, com seis psicólogos que possuíam formação em nível de pós-graduação em psicoterapia de orientação psicanalítica. Esses profissionais responderam a uma primeira versão do questionário com 19 perguntas abertas. Após análise das respostas, organizou-se uma nova versão do questionário com nove questões abertas distribuídas em quatro categorias e acrescidas de tópicos exploratórios. Os temas e as perguntas exploratórias estavam centrados no ingresso dos recursos tecnológicos na prática clínica, nos impactos desses recursos na técnica psicanalítica, na

formação do profissional e no manejo de casos clínicos através dos recursos tecnológicos.

### **Procedimentos de Coleta dos dados**

Os participantes do estudo foram contatados por meio de ligação ou e-mail pelo pesquisador que é psicólogo clínico e mestrando em psicologia. Após o aceite de participação, foi agendado um dia e horário com o profissional para realização da entrevista. Seis profissionais receberam o pesquisador em seu consultório e cinco nas instituições de formação em que trabalhavam. Os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias, sendo uma via para o pesquisador e outra ao participante. Após esse procedimento, deu-se início à gravação do áudio da entrevista. Primeiro, foi preenchida a ficha de dados sociodemográficos e posteriormente a entrevista semiestruturada. As entrevistas tiveram duração média de 35 minutos e, por fim, o pesquisador informou que a devolução dos dados de pesquisa seria fornecida após o aceite da publicação em revista científica.

### **Procedimentos Éticos**

A pesquisa esteve amparada pela Resolução 510/2016 (2016) do Conselho Nacional de Saúde, órgão do Ministério da Saúde e foi aprovada pelo Comitê de Ética da Unisinos (CAE: 60157816.8.0000.5344) por meio do parecer nº 1.790.149.

### **Procedimentos de Análise dos dados**

Os dados foram analisados através de análise temática realista, que é entendida como uma análise dos temas predominantes nas entrevistas e que opera com a realidade dos participantes (Braun & Clarke, 2006).



Inicialmente, foi transcrito o áudio das entrevistas pelo mestrando e por uma bolsista de iniciação científica da área de psicologia. Após a transcrição, o material foi lido de forma livre para se obter uma maior aproximação com os dados coletados. Em uma segunda leitura, foram assinaladas as unidades temáticas emergentes. Na terceira leitura, as unidades temáticas foram agrupadas e geraram os temas da pesquisa. Por fim, as comunicações assinaladas foram divididas e organizadas em temáticas. As entrevistas foram analisadas e categorizadas por dois juízes independentes, sendo um mestrando e o outro uma estudante de psicologia e bolsista de iniciação científica. Nos casos em que houve divergência, uma terceira juíza, doutora e com estágio pós-doutoral na área de psicologia, foi convidada a categorizar os materiais. Portanto, para a solução dos casos conflitantes foi adotado o consenso entre juízes.

As comunicações foram reunidas em temas, sendo estes: (1) experiência dos profissionais na utilização das tecnologias de informação e comunicação na clínica psicoterápica psicodinâmica; (2) impactos das tecnologias de informação e comunicação na técnica psicanalítica e (3) formação do profissional para manejo dos recursos tecnológicos na clínica.

Neste artigo, serão apresentados os resultados do tema (2) impactos das tecnologias de informação e comunicação na técnica psicanalítica, o qual foi dividido nas seguintes categorias: (a) aliança terapêutica; (b) neutralidade; (c) enquadre e (d) transferência. Para elucidar sobre os impactos na técnica, serão apresentadas as entrevistas. Os demais temas, (1) experiência dos profissionais na utilização das tecnologias de informação e comunicação na clínica psicoterápica psicodinâmica e (3) a formação do profissional para manejo dos recursos tecnológicos na clínica, serão objetos de discussão em outro artigo elaborado pelo mestrando e que faz parte da dissertação de mestrado.

## Resultados

Os terapeutas possuíam experiência clínica de 10,18 anos ( $dp= 5,30$  anos), concluíram a graduação há 10,55 anos ( $dp= 5,20$  anos) e a especialização há 6,46 anos ( $dp= 3,36$  anos). Tinham idades entre 27 e 55 anos ( $m= 34,7$  anos e  $dp = 7,37$  anos). Além de todos terem a titulação de especialista em psicoterapia de orientação psicanalítica, três das participantes realizaram o mestrado na área de psicologia clínica, em grupos de pesquisa com enfoque na abordagem psicanalítica. Destas três participantes, duas eram docentes de instituições de formação em psicoterapia psicanalítica no Rio Grande do Sul.

No que se refere à utilização dos recursos tecnológicos de informação e comunicação, todos os participantes utilizavam o *WhatsApp* em sua prática clínica. Três psicoterapeutas foram contatados pelo *Messenger* e nove por meio do *Facebook*. Nenhum deles foi procurado no *Instagram* ou em outras formas de tecnologias de informação e comunicação.

A partir da análise dos dados, os relatos foram agrupados em unidades temas e posteriormente geraram as categorias de análise temática. Esses aspectos foram identificados nas seguintes categorias: (a) aliança terapêutica; (b) neutralidade; (c) *Setting* terapêutico e (d) transferência. Assim, as unidades temáticas representam o agrupamento das entrevistas e relacionam os impactos na técnica psicoterápica psicanalítica.

## Aliança Terapêutica

A primeira categoria, (a) aliança terapêutica, apresentou resultados temáticos relacionados à adesão ao tratamento e a identificação das fragilidades psíquicas do paciente, conforme o Quadro 1.

Quadro 1  
Impactos na aliança terapêutica

Impacto	Vinheta
Adesão ao tratamento	<i>“Acho que quando tu te mostras mais disponível para alguns pacientes, eles tendem a se vincular mais rápido.”</i> (Participante 3)
Identificação das fragilidades psíquicas do paciente	<i>“(...) Então, por exemplo, [quando o paciente diz] tu demoraste pra me responder, eu vi que tu olhou o WhatsApp e tu não me respondeu (...) [terapeuta analisa] Desse modo, a fragilidade dos pacientes vai aparecer, muitas vezes nesse momento.”</i> (Participante 5)

Nesta categoria, os participantes relataram que os recursos tecnológicos impactam de diferentes formas na aliança terapêutica. Percebeu-se como impactos positivos na utilização das TICs que os pacientes se sentem acolhidos, aderem melhor ao tratamento e sentem seus psicoterapeutas mais empáticos, pois estavam disponíveis nas mídias sociais.

Ademais, as tecnologias auxiliavam os terapeutas a compreender as fragilidades psíquicas do paciente, por exemplo, se o cliente precisava que o terapeuta o gratificasse respondendo às mensagens ou que o frustrasse visualizando e deixando a situação para ser trabalhada em sessão. Nesse sentido, compreendeu-se que, se o terapeuta intervém de forma mais ativa ou não, por meio das tecnologias de informação e comunicação, ele poderia impactar na aliança terapêutica, e isso influenciaria na decisão do paciente de manter ou não o tratamento. Portanto, o manejo profissional variava conforme as necessidades que o terapeuta julgava serem importantes para o tratamento.

## Neutralidade

A segunda categoria (b) neutralidade apresentou resultados temáticos centrados na preocupação com o posicionamento dos psicoterapeutas participantes frente às TICs; a exposição pessoal e a percepção da neutralidade na atualidade. O Quadro 2 sintetiza os resultados encontrados.

Quadro 2

Impactos na neutralidade

Impacto	Vinheta
Posicionamento aderido por psicoterapeutas	<p>“(…) <i>sempre penso no WhatsApp, porque o Facebook é uma preocupação que eu tinha de ficar [exposto], a gente coloca ideias, eu procuro colocar o mínimo possível de ideias, quanto às minhas ideologias ou algo, até porque eu utilizo mais como uma reflexão.</i>” (Participante 2)</p> <p>“<i>A primeira [preocupação] delas (...) como que tu vai escrever uma mensagem? Eu tomo muito cuidado quando eu vou escrever mensagem de texto para não usar gíria, para não usar abreviatura. Por exemplo, quando escrevo ‘o que’, não coloco só ‘oq’, escrevo o português bem correto.</i>” (Participante 10)</p>
Exposição do terapeuta	<p>“<i>WhatsApp eu nunca tive uma foto minha, é uma árvore, porque daí como eu sei que o paciente acessa, a ideia de o paciente ver uma foto minha feliz, ou mais bonita, ou com filhinho, ou com cachorrinho, (...) momentos, ah a paciente tá sozinha e vê a fotinho de um casal feliz ali sabe? Acho que deve ser difícil.</i>” (Participante 8)</p> <p>“(…) <i>Poder ver a hora que o terapeuta entrou, a foto que ele usou no perfil.</i>” (Participante 6)</p> <p>“(…) <i>aconteceu uma situação com um adolescente. Ele encontrou meu perfil [Facebook] e dava pra ver as páginas que eu tinha curtido, isso eu não sabia que dava pra fechar até então, e ele me questionou [em sessão] porque que tinha curtido tal página.</i>” (Participante 1)</p>
Percepção da neutralidade na atualidade	<p>“(…) <i>apesar de que isso [neutralidade] nos dias atuais é um tanto quanto ilusório porque nada mais é completamente neutro, as pessoas têm acesso à nossa vida de diferentes formas, através daquilo que a gente publica, através da nossa formação [profissional].</i>” (Participante 7)</p>

Em relação à temática neutralidade, os participantes consideraram que o posicionamento dos psicoterapeutas nos recursos tecnológicos poderia impactar negativamente no tratamento, pois no *WhatsApp* tem exposto o horário em que visualizou suas conversas. No *Facebook*, quais assuntos comentou ou compartilhou, além de ter as suas imagens disponibilizadas na rede, caso não tenha configurado a

privacidade. Outra situação que suscitou questionamentos, esteve relacionada à forma com que o profissional se apresenta nesses canais comunicativos, por exemplo, o terapeuta escreve uma mensagem ou publica posicionamentos nas redes sociais. Essas ocorrências podem evidenciar informações da vida privada do psicoterapeuta para além do seu exercício profissional.

Ainda sobre a neutralidade, a participante 6 relatou o exemplo em que uma paciente deprimida que visualizou foto da terapeuta feliz no *Facebook*, projetou sentimentos hostis por não ter a capacidade, pelo menos momentaneamente, de ter os mesmos sentimentos que a sua terapeuta. Por fim, os psicoterapeutas informaram nas entrevistas que com as tecnologias de informação e comunicação, as informações pessoais se tornaram mais rápidas e fáceis de serem encontradas nos diversos recursos tecnológicos, o que inviabilizaria a neutralidade proposta por Freud na teoria psicanalítica.

### **Setting terapêutico**

Nesta categoria, os impactos percebidos pelos terapeutas estão relacionados às combinações do contrato de trabalho terapêutico, aos recursos tecnológicos como um terceiro no *setting* terapêutico e às situações extra-*setting*, entendidas como aquelas que aparecem externamente à sessão presencial. O Quadro 3 exemplifica através dos relatos das entrevistas esses impactos.

Quadro 3  
Impactos no *setting* terapêutico

Impacto	Vinheta
Manutenção do Contrato terapêutico	<i>“Mas muito mais naquela coisa de...ãa... marcar...des[marcar]... paciente né: Ah, ó preciso desmarcar a consulta hoje. Ah dá pra transferir? Eu preciso de uma sessão extra. [Mais] nesse sentido do que qualquer outra coisa.”</i> (Participante 4)
Situações Extra- <i>setting</i>	<i>“(...) Aquilo começa [TICs] a ser um problema (...) quando conteúdos que deveriam ser tratados na sessão aparecem fora.”</i> (Participante 5)

Recursos tecnológicos como um terceiro no *setting* terapêutico

---

*“Eu acho que muitas coisas podem ficar resolvidas ali no WhatsApp e não vão pra dentro do setting (...) acho que resolvendo coisas pelo WhatsApp muitas vezes a gente deixa de falar mais profundamente sobre isso na sessão.” (Participante 9)*

*“(...) [Eu] recebo mensagens de pacientes perversos, ou border[line], esses eu preciso ter mais cuidado, porque eles não sabem fazer uso dessas tecnologias e acabam colocando em risco o processo terapêutico (...) eles acabam invadindo mais, sabendo menos o limite, né? Então, o horário não é adequado, ã, ficam te mandando mensagem né, para ver se tu realmente olhaste.” (Participante 6)*

*“Estou me questionando como é que eu manejo isso, (...) principalmente na hora que eles vão contar uma situação né, por exemplo se eles pedirem pra ler a conversa do WhatsApp. Às vezes, eles tão explicando uma conversa, sei lá, com namorado e em vez de dizer: ‘ah, aconteceu isso, isso e isso...’ eles ‘não, não, calma aí que eu vou ler para ti pra eu não esquecer nada’.” (Participante 10)*

---

Nesta categoria, os psicoterapeutas participantes do estudo relataram que os seus pacientes tendem a solicitar sessões adicionais, remarcar e desmarcar atendimentos por meio do *WhatsApp*, mais do que presencialmente. A participante 4 relatou ainda que seria necessário que no próprio contrato terapêutico inicial incluísse as combinações de como poderiam ser utilizadas essas tecnologias de informação e comunicação, a fim poder estabelecer um enquadre sobre elas.

No que se referem às situações extra-*setting*, os relatos indicaram que os terapeutas necessitam dispensar atenção para que as comunicações que deveriam ocorrer na sessão não sejam solucionadas através do uso dos recursos tecnológicos, pois assim deixariam de ser analisadas em profundidade. Exemplos fornecidos pelos psicoterapeutas de situações extra-*setting* estavam relacionadas às atuações, resistências, faltas, remarcações, a conteúdos que só emergem nas TICs, mas não nas sessões e, finalmente, ao cuidado nessas situações com os pacientes limítrofes (*borderline*).

Já no tema recursos tecnológicos como um terceiro no *setting* terapêutico, os participantes apontaram que as novas ferramentas de informação e comunicação acabam por ser mais um elemento do *setting* psicoterapêutico presencial, pois o paciente

utilizava *WhatsApp* e *Facebook* para relatar situações ocorridas no seu dia a dia, interrompendo um relato associado livremente. Nesse mesmo tema, outra problemática iminente estava relacionada aos clientes dos participantes usarem as TICs dentro da sessão para olhar o horário, atender a ligações ou enviar mensagens.

## Transferência

A categoria transferência apresentou dois temas de discussão pelos participantes, um relacionado à expressão dos desejos dos pacientes por meio dos recursos tecnológicos de informação e comunicação e outro relacionado à presença da transferência.

Quadro 4  
Impactos na transferência

Impacto	Vinheta
Recursos tecnológicos como representantes dos desejos dos pacientes	<i>“Quando eu tava online à noite ou em algum momento ela [paciente] vinha querer conversar (...) foi necessário trabalhar isso na sessão várias vezes (...) que a gente tinha que usufruir, vir mais, aumentar a frequência [dos atendimentos] (...)”</i> (Participante 2)
Manifestação da transferência nos recursos tecnológicos de informação e comunicação	<i>“Eu fico pensando inicialmente que o trabalho da transferência, né, que é algo que é um dos pilares, como ele vai reviver situações, a gente pode, sim, usar as ferramentas[WhatsApp] pra compreender a necessidade de uma mãe muito presente, ou uma mãe muito invasiva, ou um filho de repente solicitando muito essa mãe ou esse pai dependendo da função que ele projeta, (...) podendo usar disso dentro da sessão, usar esses exemplos que acontecem pra poder fomentar ideias, para interpretar (...)”</i> (Participante 2)

No primeiro tema, recursos tecnológicos como representantes dos desejos dos pacientes, os psicoterapeutas apresentaram relatos informando que através dessas formas de comunicação e informação seus pacientes sinalizavam suas necessidades. Nesse canal de comunicação, os participantes podiam expressar a sua angústia, podendo o terapeuta acolher ou abster-se para posteriormente discutir em sessão.

Já no segundo tema, manifestação da transferência através dos recursos tecnológicos de informação e comunicação, dez dos 11 terapeutas acreditavam que a

tecnologia era um canal propício para ocorrência desta. Apenas um dos participantes acreditava que a transferência ocorreria somente na relação presencial e não através das tecnologias. O relato apresentado no Quadro 4 evidencia um caso em que as solicitações recorrentes ao psicoterapeuta poderiam ser compreendidas como a manifestação da transferência, e não somente ao uso indiscriminado por parte do paciente.

### **Discussão**

A partir do relato dos participantes, há uma perceptível mudança na técnica psicanalítica com a inserção das tecnologias de informação e comunicação na prática clínica. Embora os psicoterapeutas apresentem um elevado tempo de experiência clínica e formação profissional, é possível perceber que o manejo desses recursos é cauteloso e direcionado para combinações relacionadas ao contrato psicoterapêutico de trabalho. Entretanto, as TICs têm apresentado um fértil campo para ampliação e manifestação de conteúdos transferenciais (Barbosa et al., 2013), resistências, atuações, situações *extra-setting* (Barcellos et al., 2015), complexidades do próprio *setting* terapêutico (Luz, 2015) e da aliança terapêutica (Bunge, Lópes, Mandil, Gomar, & Borgialli, 2009).

A psicoterapia psicanalítica fundamenta-se primordialmente na obra Freudiana no que se refere à associação livre de conteúdos advindos inconscientemente na mente do analisando (Freud, 1912), bem como no esforço do psicoterapeuta para que o paciente mantenha uma neurose de transferência (Freud, 1914; Freud, 1920). Partindo dessa premissa, pode-se entender que se existem conteúdos inconscientes, que não são regidos nem por regras, nem pelo tempo e podendo estes se manifestarem de diferentes maneiras, reflete-se então que uma das suas manifestações poderia ser inclusive a partir das tecnologias de informação e comunicação (Kowacs, 2014), evidenciando, assim, as



necessidades, fragilidades e frustrações dos pacientes, bem como o seu funcionamento psíquico. O desenvolvimento do psiquismo modifica-se com as transformações culturais, e, se estamos inseridos em uma cultura tecnológica, não devemos negar a inserção das TICs na vida dos pacientes (Kowacz, 2014), pois a psicanálise precisa se adaptar aos novos tempos, mas sem perder suas características próprias (Kowacz, 2014).

No que se refere aos resultados desta pesquisa no tema aliança terapêutica, as temáticas presentes foram adesão ao tratamento e identificação das fragilidades psíquicas do paciente. A literatura indica que os recursos tecnológicos podem favorecer a adesão à psicoterapia e a vinculação com o terapeuta (Bunge, Lópes, Mandil, Gomar, & Borgialli, 2009). Nesta pesquisa, a percepção dos profissionais participantes foi de que as TICs fortaleciam a aliança terapêutica (AT) e a adesão ao tratamento, pois favorecem o estabelecimento de uma sensação de acolhimento do terapeuta por parte do paciente. Portanto, os resultados encontrados estão em consonância com a literatura.

Além das TICs fortalecerem a AT, não foram encontrados indícios nos discursos dos participantes de que houvesse interferência na aliança terapêutica no tratamento presencial em decorrência do uso desses recursos. Em semelhança aos achados nesta pesquisa, Sucala et al. (2012) concluem em revisão sistemática de que é possível desenvolver uma aliança terapêutica eficaz utilizando a *Internet*, inclusive em tratamentos online, onde não há presença de uma comunicação não verbal. Nesse sentido, a importância de estabelecer um vínculo positivo no início do processo psicoterapêutico se faz importante para que o paciente se mantenha no tratamento psicológico, seja presencial ou com os recursos tecnológicos.

Referente à identificação das fragilidades psíquicas dos pacientes, percebeu-se que os terapeutas puderam usar das informações disponíveis nas TICs para

complementar o processo presencial, bem como o entendimento dinâmico do seu paciente. Esse achado de pesquisa contrasta com a literatura psicanalítica, pois esta aborda a importância da relação presencial para manejo dos aspectos relacionados ao tratamento psicoterapêutico (Eizirik, Aguiar & Schestatsky, 2005). Por ser um tema relativamente novo com essa abordagem, diversos autores têm contribuído para diminuir a polêmica sobre o uso para concebê-las de forma positiva no processo psicoterápico (Barcellos et al., 2015; Sfoggia, et al., 2014). Os recursos tecnológicos possuem potencial para se tornar uma ferramenta aliada dos profissionais na sua prática clínica, pois auxiliam na complementação da relação entre a dupla e nas intervenções do terapeuta (Luz, 2015).

Na categoria neutralidade, os temas predominantes estiveram vinculados à preocupação com o posicionamento pessoal do terapeuta, à sua exposição nas TICs e à percepção da neutralidade na atualidade. Na literatura psicanalítica, Freud (1912) defendia que a abstinência e a neutralidade do psicoterapeuta eram mecanismos essenciais para se atingir os objetivos da psicoterapia. Nessa perspectiva, a preocupação dos terapeutas em manterem-se neutros e reservados fundamenta-se nas premissas da própria literatura psicanalítica. Entretanto, embora seja importante que os profissionais mantenham um manejo ponderado sobre o uso, restringir as tecnologias de informação e comunicação por completo talvez seja menos neutro do que utilizá-las (Barbosa et al., 2013; Luz, 2015). Portanto, Sfoggia et al. (2014) discutem que a maneira como o terapeuta e paciente usam essas tecnologias é que impactará no tratamento e não a tecnologia em si. Possivelmente, a influência negativa na neutralidade pode estar relacionada também ao fato de os terapeutas participantes vincularem o termo neutralidade à abstinência, sendo que esses conceitos possuem diferenças de entendimento.

Para Falcão (2007), a neutralidade está pautada a um analista neutro em relação às suas convicções, a seus ideais e às manifestações transferenciais. Assim, não estariam nas mãos do terapeuta impor ao paciente os seus desejos e as suas escolhas (Meissner, 1998). Já a abstinência está relacionada às gratificações substitutivas, com o intuito de que o paciente as encontre o mínimo possível ao longo do tratamento (Falcão, 2007). Contudo, o próprio Freud, em algumas situações, acabava por gratificar seus pacientes, quando os elogiava pelos relatos expressos, por exemplo (Zamfirescu, 2013). Zamfirescu (2013) discute que privar o paciente de todas as gratificações seria insuportável. Nesse sentido, pode-se pensar que usar as tecnologias com os pacientes seria uma forma, ainda que possa ser somente inicial, de acolher o paciente para que depois esse uso possa ser direcionado a outro destino, como um acréscimo na frequência das sessões ou a uma interpretação de seu uso. Ademais, parece que a tecnologia pode não afetar diretamente na neutralidade do terapeuta, mas, sim, na abstinência deste, sendo necessário o cuidado do profissional para que as TICs não sejam um caminho de gratificação substitutiva.

Em relação à percepção da neutralidade na atualidade, é notável que as tecnologias estejam cada vez mais presentes na vida pessoal e profissional dos psicoterapeutas (Hallberg & Lisboa, 2016). Gabbard (2012) considera a perda do anonimato como uma das grandes mudanças para o trabalho psicodinâmico. Portanto, primordialmente, pode-se recorrer a Freud quando este escreve que algumas permissões devem ser realizadas de acordo com cada paciente e com sua individualidade, sem que se tornem excessivas (1919), e nortear-se nas recomendações de Gabbard, Kassaw e Perez-Garcia (2011) sobre a postura profissional na *Internet*. Esses autores recomendam que os profissionais ativem as configurações de privacidade, monitorem as informações pessoais disponíveis na *Internet* e não realizem buscas sobre seus pacientes na rede de

dados. Essas regras podem auxiliar os profissionais a lidar com a perda de uma postura neutra.

No que se refere ao *setting* terapêutico, foram encontrados resultados relacionados ao contrato terapêutico, às situações extra-*setting* e aos recursos tecnológicos como um terceiro no *setting* terapêutico. Percebeu-se nas entrevistas que o uso e manejo pelos psicoterapeutas estavam relacionados às questões específicas do contrato de trabalho e que faziam parte do enquadre, mesmo que não contratadas previamente. Barcellos et al. (2015) discutem que essas situações, embora não combinadas inicialmente pela dupla, podem ser compreendidas como parte do campo analítico, constituídas como uma construção única da dupla e que podem ser usadas para favorecer a relação terapêutica. As mesmas autoras discutem sobre essas situações serem uma expressão das ansiedades e dos conflitos dos pacientes descarregados via ato (2015).

Outro prisma para as modificações no *setting* por meio das TICs pode ser observado a partir do conceito de parâmetro à psicoterapia (Migone, 2013). A noção desse conceito tem como premissa explicar aquelas situações que possam transgredir o enquadre. Para a sua inclusão, o psicoterapeuta deverá estar seguro de que conseguirá dominá-lo, deverá avaliar se ele não prejudicará o *setting* e se terá condições de retomar às combinações originais com o seu paciente, caso seja necessário (Zimmerman, 1999). Portanto, pode-se propor o uso dessas tecnologias como uma forma de concessões iniciais para que seja um canal de expressão do paciente, a fim de propô-lo como um parâmetro à técnica. Para Sfoggia et al., (2014), o *setting* externo pode tornar-se flexível, desde que o *setting* interno do terapeuta se mantenha preservado.

Quanto aos recursos tecnológicos como um terceiro no *setting* terapêutico, Stadter (2013) compreende esses novos objetos tecnológicos como um *e-third* (terceiro

eletrônico), que ingressam nas sessões assim como um elemento de transição ingressa na vida de criança, com o intuito de que esta consiga se tornar independente das primeiras relações interpessoais. Esse terceiro eletrônico auxiliaria no estabelecimento dessas relações, embora ele também problematize que essas TICs podem se tornar recursos de dependência tecnológica (Stadter, 2013). No entanto, os recursos tecnológicos ampliam a possibilidade de que o paciente consiga expressar com maior facilidade conteúdos ainda difíceis ou intoleráveis de se apresentarem de outro modo, como presencialmente por exemplo (Migone, 2013). A função do terapeuta seria então a de captar essas ações comunicativas e poder interpretar ao seu paciente essa situação para que pudessem ser trabalhadas no contexto presencial e não somente resolvidas por meio dos recursos tecnológicos.

Por fim, os resultados da pesquisa sobre a transferência estão relacionados aos recursos tecnológicos como representantes dos desejos dos pacientes e à manifestação da transferência nos recursos tecnológicos de informação e comunicação. Com esses recursos, a transferência encontra um novo espaço para expressão (Kowacs, 2014), diminuindo o lapso de tempo referente à solidão ou exclusão e fazendo com que o paciente se permita ingressar de forma efetiva na vida do terapeuta (Kowacs, 2010), denunciando as suas necessidades afetivas. Neste estudo, a maioria dos terapeutas acredita que ocorre a manifestação da transferência por meio das tecnologias de informação e comunicação. Embora ainda não haja consenso na literatura sobre a presença ou não da transferência nas TICs (Carlino, 2011; Garcia, 2011; Kohn & Roth, 2012; Scharff, 2013)

Para Garcia (2011), a transferência só aconteceria se houvesse a presença real da dupla na sessão. Já Kohn e Roth (2012) propõem que esta ocorre mesmo na utilização desses recursos tecnológicos. Por meio das entrevistas realizadas neste estudo, os

terapeutas acreditam que há transferência por meio das TICs. Corroborando essa perspectiva, Scharff (2013) discute que os elementos transferenciais e contratransferenciais estão presentes na utilização dessas tecnologias. Para o autor, a associação livre e a transferência não são comprometidas pelos recursos tecnológicos. Ainda que as discussões dos referidos autores sejam em relação as sessões de psicoterapia *online*, a utilização das TICs em atendimentos psicoterápicos que possuem encontros presenciais pode ser compreendida como similar ao contato não presencial (*online*), pois não há presença física da dupla no uso destas tecnologias.

Contudo, a reflexão não deve se restringir à apresentação ou não de um elemento da técnica psicanalítica, mas, sim, perceber essas manifestações como um fenômeno complexo. Barbosa et al. (2013), de forma metafórica, escrevem que é necessário “jogar o bebê fora e ficar com o resto sujo da água do banho” (p. 67). A ideia implícita reside em não olhar somente a tecnologia, mas os resultados que ela traz, pois podem representar desejos, necessidades e comportamentos singulares do paciente. Portanto, acredita-se ser interessante refletir o uso das TICs, desde que não seja uma perversão tecnológica para contribuir como um espaço de comunicação transferencial do paciente. Entretanto, cabe destacar também a necessidade da ausência do terapeuta entre uma sessão e outra na vida do paciente para que ele possa subjetivar. Nesse sentido, é importante que o terapeuta possa se manter disponível e continente, mas que também possa oferecer limites e certa ausência de gratificações. Será nesse jogo transferencial que fecundará novas construções analíticas (Barbosa et al., 2013).

## Conclusão

Este artigo teve como objetivo compreender como os psicoterapeutas de abordagem psicodinâmica percebem os impactos na técnica psicoterápica psicanalítica presencial em relação à utilização dos recursos tecnológicos de informação e comunicação com os seus pacientes. O tempo de experiência clínica e de formação profissional parece não indicar diferença na percepção dos impactos na técnica psicanalítica. Os resultados evidenciam que as influências foram relacionadas à adesão ao tratamento, à identificação das fragilidades psíquicas do paciente, ao posicionamento e à exposição do terapeuta, à percepção da neutralidade, ao contrato terapêutico, às situações extra-*setting*, aos recursos tecnológicos como um terceiro no *setting* terapêutico como representantes dos desejos dos pacientes e à manifestação da transferência nos recursos tecnológicos de informação e comunicação.

Se partirmos da premissa referida na obra Freudiana de que o funcionamento psíquico dos sujeitos é regido pelo inconsciente e de que para este não há regras temporais ou espaciais, já que pode se manifestar sob diferentes formas, podemos refletir que as tecnologias de informação e comunicação servem como um canal de comunicação de conteúdos inconscientes do paciente. O objetivo deste artigo não é a de criar estigmas, resistências ou até mesmo promover um uso maciço, mas, sim, de mostrar que quanto mais agirmos com naturalidade nessas ocasiões tecnológicas menor serão os conflitos que encontraremos no nosso trabalho psicoterapêutico. Ainda discutimos o tema de forma cautelosa, por este ser relativamente novo na prática profissional psicodinâmica. Entretanto, como visto nos resultados deste estudo, as tecnologias de informação e comunicação podem ser auxiliares na compreensão psíquica do paciente, bem como do processo psicanalítico. Negar a tecnologia talvez

fosse mais danoso ao nosso trabalho do que olhá-la com parcimônia, aceitando a sua inserção e trabalhando-a com cada paciente, afinal não há como generalizar o seu uso.

Cabe ressaltar que estamos inseridos em uma sociedade que está em constante transformação. Com isso, devemos lembrar que o estudo psicanalítico leva em consideração variáveis sociais do indivíduo, por exemplo, a transmissão de valores entre as gerações e o contexto inserido.

Acredita-se ser importante discutir a temática nos centros de formação que ensinam a psicoterapia de orientação psicanalítica para compreender quais afetos esse uso mobiliza no terapeuta, bem como instrumentalizar os profissionais para uma utilização adequada da técnica. Além disso, sempre que possível, buscar supervisão dos casos clínicos para aprofundamento das situações vivenciadas na clínica.

Quanto a limitações do estudo, percebe-se o uso ainda restrito das combinações contratuais por meio das TICs pelos profissionais. Possivelmente, se o manejo estivesse mais bem estabelecido entre os participantes, os resultados encontrados poderiam mais aprofundados em relação à técnica.

Em relação a direções futuras, fazem-se necessárias pesquisas quantitativas com amostras brasileiras sobre como os profissionais do nosso país percebem os impactos na técnica psicanalítica e como manejam, tanto com psicoterapeutas psicodinâmicos quanto com analistas. Ademais, é preciso analisar o uso das tecnologias de informação e comunicação em estudos de caso único delineados em pesquisas de processo e resultado em psicoterapia. Por fim, um eixo de investigação que necessita de atenção se refere a como as instituições de graduação em psicologia e pós-graduação em psicanálise têm discutido a temática com os seus alunos. A psicoterapia e as tecnologias demonstram ser temas promissores na área da psicologia, pois ampliam as possibilidades de intervenção com os indivíduos e as coletividades.



## Referências

- Barbosa, A. M. F. D. C., Furtado, A. M., Franco, A. L. D. M., Berino, C. G. D. S., Pereira, C. R., Arreguy, M. E., & Barros, M. J. D. (2013). As novas tecnologias de comunicação: questões para a clínica psicanalítica. *Cadernos de psicanálise (Rio de Janeiro)*, 35(29), 59-75. Recuperado em 23 de maio de 2016. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-62952013000200004&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952013000200004&lng=pt&tlng=pt).
- Barcellos, E. D., Campezzato, P. V. M., Geremia, L., Vieira, M. F., Cavalheiro, R., & Klarmann, R. P. (2015). As novas formas de comunicação e suas possíveis influências sobre o *setting* e o campo psicoterápico. *Psicoterapia Psicanalítica*, 17, 39-51.
- Barnett, J. E. (2011). Utilizing technological innovations to enhance psychotherapy supervision, training, and outcomes. *Psychotherapy*, 48(2), 103. <http://dx.doi.org/10.1037/a0023381>
- Brasil. Ministério da Saúde (2016). Conselho Nacional de Saúde. *Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Resolução 510 de 07 de abril de 2016*. Brasília, DF: Presidência da República.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative research in psychology*, 3(2), 77-101. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1191/1478088706qp063oa>
- Breakwell, G. M., Hammond, S., Five-Schaw, C. & Smith, J. A. (2010). *Métodos de pesquisa em psicologia*. (F. R. Elizalde, Trans.). (3. ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Bunge, E., López, P., Mandil, J., Gomar, M., & Borgialli, R. (2009). Actitudes de los terapeutas argentinos Hacia La incorporación de nuevas tecnologías en

psicoterapia. *Revista Argentina de Clínica Psicológica*, 18(3), 209-216. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=281921775002>

Conselho Federal de Psicologia. (2012). *Regulamenta os serviços psicológicos realizados por meios tecnológicos de comunicação a distância, o atendimento psicoterapêutico em caráter experimental e revoga a Resolução CFP N.º 12/2005*. Resolução CFP nº 011/ 2012. Brasília, DF: Autor

Crestana, T. (2015). Novas abordagens terapêuticas-terapias on-line. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, 17(2), 35-43. Disponível em: [http://rbp.celg.org.br/detalhe\\_artigo.asp?id=176](http://rbp.celg.org.br/detalhe_artigo.asp?id=176)

Distéfano, M. J., Mongelo, M. C., O'Conor, J., & Lamas, M. C. (2015). Psicoterapia y tecnología: implicancias y desafíos en la inserción de recursos innovadores en la práctica clínica argentina. *Revista Electrónica de Psicología Iztacala*, 18(4). Disponível em: <http://www.revistas.unam.mx/index.php/repi/article/view/53433>

Eizirik, C. L., Aguiar, R., & Schestatsky, S. S. (2005). *Psicoterapia de Orientação Analítica: Fundamentos teóricos e clínicos*. Porto Alegre, RS: Artmed.

Falcão, L. (2007). Neutralidade e abstinência ontem e hoje. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 14(2), 289-303.

Fontanella, B. J. B., Ricas, J., & Turato, E. R. (2008). Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cadernos de Saúde Pública*, 24(1), 17-27. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2008000100003>

Freud, S. (1912). Recomendações aos jovens médicos que exercem a psicanálise. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda.

- Freud, S. (1914). Recordar, repetir e elaborar. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda.
- Freud, S. (1919). Linhas de progresso na terapia psicanalítica. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda.
- Freud, S. (1920). Além do princípio do prazer. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda.
- Gabbard, G. O., Kassaw, K. A., & Perez-Garcia, G. (2011). Professional boundaries in the era of the Internet. *Academic Psychiatry*, 35(3), 168-174. Doi: [10.1176/appi.ap.35.3.168](https://doi.org/10.1176/appi.ap.35.3.168)
- Gabbard, G. O. (2012). Psychoanalysis in the era of cyberspace. Interview with Glen O. Gabbard/ Interviewer: Sabrina Di Cioccio. In *Funzione Gamma: journal on line di psicologia di grupo*. Conferência promovida pela APA e D. Winnicott Centre, Departamento of Peditry and Infant Neuropsychitary de Sapienza, 17 de nov. 2012. Universidade de Roma. Disponível em: <http://www.funzionegamma.it/psychoanalysis-in-the-era-of-cyberspace-interview-with-glen-o-gabbard/>
- Gabbard, G. O. (2015). Intervenções terapêuticas. O que o terapeuta diz e faz? In G. O. Gabbard. *Psicoterapia psicodinâmica de longo prazo. Texto Básico*. Porto Alegre: Artmed.
- Garcia, J. (2011). The training of psychoanalysts in Latin American countries without IPA institutions: Antecedents, experiences and problems encountered. *International Journal of Psychoanalysis* 92:715–731. Doi:[10.1111/j.1745-8315.2011.00464.x](https://doi.org/10.1111/j.1745-8315.2011.00464.x)

- Gerhardt, T. E., & Silveira, D. T. (2009). *Métodos de Pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- Hallberg, S. C. M. (2015). *Percepção e uso de tecnologias da informação e comunicação por psicoterapeutas*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.
- Hallberg, S. C. M., & Lisboa, C. S. D. M. (2016). Percepção e uso de tecnologias da informação e comunicação por psicoterapeutas. *Temas em Psicologia*, 24(4), 1297-1309. Doi: <https://dx.doi.org/10.9788/TP2016.4-06>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2013). Pesquisa nacional por amostra de domicílios: Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal. *IBGE*. Acessado em 28 de janeiro de 2016. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv93373.pdf>
- Kohn, N. V., & Roth, J. D. (2012). The blank screen of cyberspace. *Psychoanalytic Inquiry*, 32(5), 426-437. Doi: <http://dx.doi.org/10.1080/07351690.2012.703565>
- Kowacs, C. (2014). Prática psicanalítica, tecnologia e hipermodernidade. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 21(3), 629. Disponível em: <http://revista.sppa.org.br/index.php/RPdaSPPA/article/view/135/230>
- Laville, C. & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre, Artmed.
- Luz, A. B. (2015). Oi. Q horas mesmo ficou nossa sessão? TKS. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 49(1), 165-175.
- Machado, D. B., Laskoski, P. B., Severo, C. T., Bassols, A. M., ... & Eizirik, C. L. (2016). A Psychodynamic Perspective on a Systematic Review of Online Psychotherapy for Adults. *British Journal of Psychotherapy*, 32(1), 79-108. Doi: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/bjp.12204/abstract>

- Meissner, W. W. (1998). Neutrality, abstinence, and the therapeutic alliance. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 46(4), 1089-1128. Disponível em:  
<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/9934659>
- Migone, P. (2013). Psychoanalysis on the Internet: A discussion of its theoretical implications for both online and offline therapeutic technique. *Psychoanalytic Psychology*, 30(2), 281. Doi: <http://dx.doi.org/10.1037/a0031507>
- Miró, J. (2007). Psicoterapia y nuevas tecnologías. *Cuadernos de Medicina Psicosomática y Psiquiatría de Enlace*, 81, 15-20. Disponível em:  
[http://in3.uoc.edu/opencms\\_in3/export/sites/in3/webs/grups\\_de\\_recerca/psinet/resources/documents/Miro.pdf](http://in3.uoc.edu/opencms_in3/export/sites/in3/webs/grups_de_recerca/psinet/resources/documents/Miro.pdf)
- Neves, R. C. & Silva, M. R. (2014). Reflexões sobre a comunicação por SMS e o processo psicoterápico. *Anais do Salão de Iniciação Científica da UFRGS*. Porto Alegre, RS. Acessado em 14 de abril de 2016. Disponível em:  
<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/113817>
- Oliveira, N. H., & Benetti, S. P. C. (2015). Aliança terapêutica: estabelecimento, manutenção e rupturas da relação. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 67(3), 125-138. Recuperado em 09 de março de 2017. Disponível em:  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672015000300010&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672015000300010&lng=pt&tlng=pt).
- Pieta, M. A. M., & Gomes, W. B. (2014). Online therapy: viable or unviable?. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 34(1), 18-31. Doi:  
<https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932014000100003>
- Pieta, M. A. M., Siegmund, G., Gomes, W. B., & Gauer, G. (2015). Desenvolvimento de protocolos para acompanhamento de psicoterapia pela Internet. *Contextos*

*Clínicos*, 8(2), 128-140. Disponível em:

<http://revistas.unisinos.br/index.php/contextosclinicos/article/view/ctc.2015.82.02>

Pires, A. C. J. (2015). Sobre os “tratamentos à distância” em psicoterapia de orientação analítica. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, 17(2), 11-21. Disponível em:

[http://rbp.celg.org.br/detalhe\\_artigo.asp?id=174](http://rbp.celg.org.br/detalhe_artigo.asp?id=174)

Scharff, J. S. (2013) *Psychoanalysis Online: Mental Health, Teletherapy, and Training*. London: Karnac.

Sfoggia, A., Kowacs, C., Gastaud, M. B., Laskoski, P. B., Bassols, A. M., Severo, C. T., Machado, D., Krieger, D. V., Torres, M. B., Teche, S. P., Wellausen, R. S., & Eizirik, C. L. (2014). Therapeutic relationship on the web: to face or not to face?. *Trends in Psychiatry and Psychotherapy*, 36(1), 3-10. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2237-60892014000100003&lng=en&tlng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-60892014000100003&lng=en&tlng=en)

Stadter, M. (2013). The influence of social media and the communications technology on self and relationships. In: J. S. Scharff (Ed.), *Psychoanalysis online: mental health, teletherapy and training* (pp. 3-14). London: Karnac Books Ltda.

Sucala, M., Schnur, J. B., Constantino, M. J., Miller, S. J., Brackman, E. H., & Montgomery, G. H. (2012). The Therapeutic Relationship in E-Therapy for Mental Health: A Systematic Review. *Journal of Medical Internet Research*, 14(4), e110.

Disponível em: <http://www.jmir.org/2012/4/e110/>

Tong, A., Sainsbury, P., & Craig, J. (2007). Consolidated criteria for reporting qualitative research (COREQ): a 32-item checklist for interviews and focus groups. *International Journal for Quality in Health Care*, 19(6), 349-357. Doi:

[10.1093/intqhc/mzm042](https://doi.org/10.1093/intqhc/mzm042)

Ungar, V. (2009). O adolescente de hoje e a psicanálise. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 16(2), 313-323.

Zamfirescu, V. D. (2013). Freud between the clinical practice and the theory of technique. *Romanian Journal of Psychoanalysis/Revue Roumain de Psychanalyse*, 6(1).

Zilberstein, K. (2015). Technology, relationships and culture: Clinical and theoretical implications. *Clinical Social Work Journal*, 43(2), 151-158. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10615-013-0461-2>

Zimmerman, D. E. (1999). *Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica, clínica—uma abordagem didática*. Porto Alegre: Artmed Editora

### Considerações finais da dissertação

Pesquisar a inserção das tecnologias de informação e comunicação na prática clínica, em especial na psicoterapia psicanalítica, é desafiador, dada a instigante tarefa de apresentar novas possibilidades de intervenção em uma abordagem teórica que preserva a interação presencial e, a partir disso, o campo relacional constituído entre a dupla, como um dos aspectos fundamentais para a mudança psíquica dos sujeitos. Entretanto, embora alguns profissionais considerem essa perspectiva teórica ultrapassada e ultraconservadora, aqueles pesquisadores e clínicos que se dedicam a estudá-la encontram resultados efetivos e eficazes em distintos tratamentos psicoterápicos. Além disso, tem-se observado que ela – a psicanálise – acompanha as mudanças sociais, culturais e tecnológicas de forma ética e parcimoniosa nas pesquisas empíricas.

Nessa perspectiva, os resultados desta dissertação evidenciaram que a teoria psicanalítica tradicional ou *face-to-face* não se distânciava da psicoterapia utilizando tecnologias de informação e comunicação. Como assinalado nos artigos, os fundamentos técnicos da teoria, como neutralidade, *setting* psicoterápico, transferência e aliança terapêutica, apresentam-se também nessas tecnologias e ainda servem para complementar a técnica presencial. No entanto, ainda são necessários investimentos na formação dos profissionais, seja em nível de graduação e pós-graduação, com a finalidade de deixar o uso menos restritivo, temeroso e mais flexível, bem como em consonância com a subjetividade e as necessidades psíquicas de cada indivíduo.

Espera-se que, de alguma maneira, os resultados encontrados nesta pesquisa direcionem os profissionais a utilizar as tecnologias de informação e comunicação com os seus pacientes de forma ética e segura, atentando para a singularidade de cada



indivíduo e, somado a isso, que o conhecimento técnico-científico possa nortear as intervenções neste contexto de investigação. Cabe destacar que os achados empíricos contribuem para maior aprofundamento teórico sobre psicoterapia e novas tecnologias.

Contudo, por se tratar de uma pesquisa qualitativa que entrevistou poucos sujeitos em uma população profissional específica, torna-se importante fazer investigações quantitativas com psicólogos que tenham especialização em psicoterapia psicanalítica, assim como com analistas. Ademais, sugere-se estudos que possam avaliar os impactos na psicoterapia a partir da percepção dos pacientes, a fim de complementar a literatura sobre a temática. Por fim, destaca-se também a importância de estudos de caso qualitativos compreendendo o uso dessas tecnologias e a sua relação com o processo-resultado da psicoterapia.

### Referências da dissertação

- Barcellos, E. D., Campezzatto, P. V. M., Geremia, L., Vieira, M. F., Cavalheiro, R., & Klarmann, R. P. (2015). As novas formas de comunicação e suas possíveis influências sobre o *setting* e o campo psicoterápico. *Psicoterapia Psicanalítica*, 17, 39-51.
- Crestana, T. (2015). Novas abordagens terapêuticas-terapias on-line. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, 17(2), 35-43. Disponível em:  
[http://rbp.celg.org.br/detalhe\\_artigo.asp?id=176](http://rbp.celg.org.br/detalhe_artigo.asp?id=176)
- Eizirik, C. L. (2015). Alguns aspectos da formação analítica. *Jornal de Psicanálise*, 48(88), 53-65. Recuperado em 26 de abril de 2017. Disponível em:  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-58352015000100005&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352015000100005&lng=pt&tlng=pt).
- Hallberg, S. C. M. (2015). *Percepção e uso de tecnologias da informação e comunicação por psicoterapeutas*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2013). Pesquisa nacional por amostra de domicílios: Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal. *IBGE*. Acessado em 28 de janeiro de 2016. Disponível em:  
<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv93373.pdf>
- Pires, A. C. J. (2015). Sobre os “tratamentos à distância” em psicoterapia de orientação analítica. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, 17(2), 11-21. Disponível em:  
[http://rbp.celg.org.br/detalhe\\_artigo.asp?id=174](http://rbp.celg.org.br/detalhe_artigo.asp?id=174)
- Siqueira, C. C. A., & Russo, M. N. (2017). A efetividade de objetos de aprendizagem gamificados associados à mediação docente interativa on-line em rede social na

construção de conhecimentos de alunos de pós-graduação. *Iniciação - Revista de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística*, 6(4), 22-38. Recuperado em 30 de abril de 2017. Disponível em: [http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistainiciacao/wp-content/uploads/2017/04/209\\_IC\\_ArtigoRevisado.pdf](http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistainiciacao/wp-content/uploads/2017/04/209_IC_ArtigoRevisado.pdf)

Sfoggia, A., Kowacs, C., Gastaud, M. B., Laskoski, P. B., Bassols, A. M., Severo, C. T., Machado, D., Krieger, D. V., Torres, M. B., Teche, S. P., Wellausen, R. S., & Eizirik, C. L. (2014). Therapeutic relationship on the web: to face or not to face?. *Trends in Psychiatry and Psychotherapy*, 36(1), 3-10.  
Doi: <https://dx.doi.org/10.1590/2237-6089-2013-0048>

## ANEXO A

## Aprovação do comitê de ética

UNIVERSIDADE DO VALE DO  
RIO DOS SINOS - UNISINOS

## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

## DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Manejo dos Recursos Tecnológicos de Informação e Comunicação em Psicoterapia Psicodinâmica Presencial

**Pesquisador:** Luan Paris Feijó

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 60157816.8.0000.5344

**Instituição Proponente:** Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

## DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 1.790.149

**Apresentação do Projeto:**

O estudo avaliado tem como título "Manejo dos Recursos Tecnológicos de Informação e Comunicação em Psicoterapia Psicodinâmica Presencial" e se refere a um projeto de mestrado apresentado ao curso de pós-graduação em psicologia da Unisinos de autoria de Luan Paris Feijó, orientado pela professora Dra. Sílvia Pereira da Cruz Benetti. O seu objetivo será compreender como os profissionais utilizam e manejam os recursos tecnológicos de informação e comunicação com os seus pacientes e quais os impactos na psicoterapia psicodinâmica presencial, com vistas a instrumentalizá-los na técnica e no processo psicoterápico psicanalítico. Para tanto, será realizada uma pesquisa com método sequencial, cujo primeiro estudo, de abordagem qualitativa e exploratória, implicará na realização de entrevista semiestruturada com psicólogos que tenham titulação específica em psicoterapia de orientação psicanalítica. Pretende-se que tais dados subsidiem a construção de um questionário online que será utilizado no segundo estudo, que terá de caráter quantitativo, transversal e exploratório. Esse questionário será enviado aos psicólogos que tenham formação em nível complementar de pós-graduação em psicoterapia de orientação psicodinâmica e seus dados serão analisados por meio de análise de conteúdo (Estudo 1) e estatística descritiva e inferencial (Estudo 2).

**Endereço:** Av. Unisinos, 950

**Bairro:** Cristo Rei

**CEP:** 93.022-000

**UF:** RS

**Município:** SAO LEOPOLDO

**Telefone:** (51)3591-1198

**Fax:** (51)3590-8118

**E-mail:** cep@unisinos.br

UNIVERSIDADE DO VALE DO  
RIO DOS SINOS - UNISINOS



Continuação do Parecer: 1.790.149

#### **Objetivo da Pesquisa:**

Considerando a importância de os profissionais que utilizam a perspectiva teórica psicanalítica compreenderem os significados do uso dos recursos tecnológicos de informação e comunicação pelos seus pacientes e a forma como ocorre a interferência deles na técnica e no processo psicoterápico em psicanálise para poderem maneja-los de forma mais segura, o Estudo 1 proposto tem como objetivo responder as seguintes questões norteadoras: quais são os recursos de informação e comunicação utilizados pelos psicoterapeutas de orientação psicodinâmica? Há diferença no manejo desses recursos, na opinião dos terapeutas, conforme os quadros clínicos dos pacientes? Como os terapeutas manejam os recursos de informação e comunicação com seus pacientes? Quais os impactos, na perspectiva dos psicoterapeutas, da utilização de recursos de informação e comunicação no processo de psicoterapia psicodinâmica presencial? Já o Estudo 2 pretende conhecer como os psicoterapeutas, que estão cursando formação em psicoterapia psicodinâmica, usam e manejam as ferramentas de comunicação e informação em psicoterapia presencial (face to face). Como objetivos específicos desta etapa da pesquisa tem-se: descrever quais recursos de informação e comunicação os terapeutas usam com os seus pacientes; identificar em quais psicopatologias os terapeutas utilizam os recursos de informação e comunicação; verificar os conhecimentos dos psicoterapeutas sobre as orientações e resoluções dos Conselhos de Classe referente ao uso dos recursos tecnológicos; verificar os conhecimentos sobre a técnica psicanalítica em relação aos recursos de informação e comunicação; e descrever quais os impactos, na perspectiva dos psicoterapeutas, da utilização de recursos de informação e comunicação na técnica psicoterápica psicodinâmica presencial. Todos os objetivos apresentados estão adequados e são exequíveis.

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Os autores sinalizam apenas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que o único prejuízo que os participantes do estudo terão será o tempo dispensado para as respostas. Já como benefício mencionam que os resultados da pesquisa poderão proporcionar aos profissionais atuantes nessa abordagem psicoterápica novas possibilidades de intervenção, bem como repensar conceitos fundamentais da teoria psicodinâmica na prática clínica. Ainda sugere-se que os riscos e benefícios implicados na pesquisa sejam descritos no corpo do texto.

#### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

O projeto aborda temática atual e relevante para área na qual se insere. A revisão bibliográfica é suficiente, embora possa ser aprofundada para tornar-se mais consistente. Metodologicamente, a execução do projeto é factível, mas por se tratar de um projeto de mestrado, maior detalhamento

**Endereço:** Av. Unisinos, 950  
**Bairro:** Cristo Rei **CEP:** 93.022-000  
**UF:** RS **Município:** SAO LEOPOLDO  
**Telefone:** (51)3591-1198 **Fax:** (51)3590-8118 **E-mail:** cep@unisinos.br

UNIVERSIDADE DO VALE DO  
RIO DOS SINOS - UNISINOS



Continuação do Parecer: 1.790.149

das questões do método seria esperado.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Os termos foram devidamente apresentados e as sugestões nos TCLEs acatadas.

**Recomendações:**

As recomendações foram atendidas.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Não há.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Luan_Feijo.pdf	25/10/2016 09:30:47	José Roque Junges	Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_791137.pdf	19/10/2016 18:11:02		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoV2.doc	19/10/2016 18:10:43	Luan Paris Feijó	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE2V2.docx	19/10/2016 18:10:12	Luan Paris Feijó	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE1V2.docx	19/10/2016 18:10:00	Luan Paris Feijó	Aceito
Folha de Rosto	FolhaRosto.pdf	16/09/2016 10:44:01	Luan Paris Feijó	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE2.docx	09/09/2016 16:07:52	Luan Paris Feijó	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE1.docx	09/09/2016 16:07:43	Luan Paris Feijó	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura	Projeto.doc	09/09/2016 16:05:05	Luan Paris Feijó	Aceito

**Endereço:** Av. Unisinos, 950

**Bairro:** Cristo Rei

**CEP:** 93.022-000

**UF:** RS

**Município:** SAO LEOPOLDO

**Telefone:** (51)3591-1198

**Fax:** (51)3590-8118

**E-mail:** cep@unisinos.br

UNIVERSIDADE DO VALE DO  
RIO DOS SINOS - UNISINOS



Continuação do Parecer: 1.790.149

Investigador	Projeto.doc	09/09/2016 16:05:05	Luan Paris Feijó	Aceito
--------------	-------------	------------------------	------------------	--------

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

SAO LEOPOLDO, 25 de Outubro de 2016

---

**Assinado por:**  
**José Roque Junges**  
**(Coordenador)**

**Endereço:** Av. Unisinos, 950

**Bairro:** Cristo Rei

**CEP:** 93.022-000

**UF:** RS

**Município:** SAO LEOPOLDO

**Telefone:** (51)3591-1198

**Fax:** (51)3590-8118

**E-mail:** cep@unisinos.br

## APÊNDICE A

### Termo de consentimento livre e esclarecido



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS  
Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-Graduação  
Comitê de Ética em Pesquisa

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Convidamos você para participar da pesquisa, intitulada "Manejo dos recursos tecnológicos de informação e comunicação em psicoterapia psicanalítica presencial". Esta pesquisa está sendo realizada pelo Psicólogo e mestrando em Psicologia Luan Paris Feijó (CRP 07/24785), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos e orientado pela Profa. Dra. Silvia Pereira da Cruz Benetti. A pesquisa objetiva compreender como os psicoterapeutas de orientação psicanalítica utilizam e manejam os recursos tecnológicos de informação e comunicação com os seus pacientes em psicoterapia presencial (*face to face*). Os resultados desta pesquisa poderão proporcionar aos profissionais atuantes nessa abordagem psicoterápica novas possibilidades de intervenção, bem como repensar conceitos fundamentais da teoria psicodinâmica na prática clínica.

Sua participação na pesquisa consiste em responder a uma Ficha de Dados Sócio-demográficos e a uma entrevista semiestruturada que será gravada em áudio. Destacamos que você tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase do estudo, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. Os dados analisados serão confidenciais e sua identidade será preservada, evitando qualquer exposição. Esse estudo apresenta risco mínimo e o único ônus previsto será o tempo dispensado para responder ao instrumento de pesquisa.

Conforme disposto na Resolução 466/2012 e na Resolução 510/2016, ambas do Conselho Nacional de Saúde (CNS) a participação na pesquisa é totalmente voluntária e através do presente termo você ficará ciente de todas as informações necessárias sobre essa pesquisa. Em caso de dúvidas você poderá entrar em contato a qualquer momento com o pesquisador Luan Paris Feijó através do e-mail lparisf@gmail.com ou do telefone (51) 9180-1619. Caso consinta sua participação, pedimos a sua assinatura neste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em duas vias.

Data: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016.

\_\_\_\_\_  
Luan Paris Feijó - Pesquisador

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

Nome:

**CEP – UNISINOS**  
**VERSÃO APROVADA**  
**Em: 25/10/2016**



**APÊNDICE B****Ficha de dados sociodemográficos****Idade:** \_\_\_\_\_**Sexo:** Feminino Masculino**Tempo de formação:** Até 5 anos De 5 a 10 anos De 10 a 15 anos Mais de 20 anos**Tempo de atuação profissional em psicologia clínica:** Até 5 anos; De 5 a 10 anos De 10 a 15 anos Mais de 20 anos**Nível de titulação acadêmica em Psicanálise/Psicoterapia Psicanalítica:** Aperfeiçoamento Especialista Mestre Doutor/Pós-Doutor**Quais recursos tecnológicos vocês têm o hábito de utilizar na sua prática profissional?** Facebook

WhatsApp

Messenger

Instagram

Outros. Quais? \_\_\_\_\_

## APÊNDICE C

### Entrevista semiestruturada

Bloco: introdução aos recursos tecnológicos

**Pergunta 1: Como você tem percebido a influência ou ingresso dos recursos tecnológicos (Facebook, WhatsApp, Messenger e entre outros) na sua prática profissional?**

*Explorar na resposta:*

*Seus pacientes/clientes procuram você através dessas ferramentas? Quais e como?*

*Você costuma se comunicar com pacientes/clientes via TICs? Em quais momentos?*

*Se o paciente realizar o primeiro contato via recursos tecnológicos. De que forma você maneja/lida?*

Bloco: técnica psicodinâmica

**Pergunta 2: Há realização de combinações no que se refere ao uso dessas ferramentas pela dupla terapeuta-paciente, depois do primeiro contato?**

*Explorar na resposta:*

*Quais combinações?*

**Pergunta 3: Em que situações você utilizaria/utiliza os recursos tecnológicos com os seus pacientes?**

*Explorar na resposta:*

*Indicações e contraindicações em relação ao funcionamento psíquico do paciente/cliente e os recursos tecnológicos de informação e comunicação.*

**Pergunta 4: Quais impactos você julga ocorrer nas regras fundamentais da psicanálise utilizando os recursos tecnológicos de informação e comunicação com os pacientes/clientes?**

*Explorar na resposta:*

*Impacto na aliança terapêutica? De que forma?*

*Impacto na neutralidade/anonimato? Por quê?*

*Impacto na transferência? De que maneira?*

*Impacto no enquadre? Como?*

**Pergunta 5: Você acredita que há diferenças no manejo conforme a mídia social utilizada?**

*Explorar na resposta:*

*Como são esses manejos?*

*Quais aspectos positivos e negativos da utilização?*

Bloco: recursos tecnológicos na prática clínica

**Pergunta 6: Você julga possuir ferramentas clínicas (como cursos, material científico, orientações do Conselho e entre outras) que lhe transmitam segurança para manejar essas ferramentas? Quais?**

**Pergunta 7: Você procura mecanismos/ferramentas para se proteger nas mídias sociais? De que forma?**

*Explorar na resposta:*

*Exposição do psicoterapeuta devido ao uso dessas ferramentas? Como você lida?*

*Em algum momento, você precisou limitar o uso desses recursos em função de algum paciente? Como foi?*

**Pergunta 8: Na formação em psicoterapia (pós-graduação), você acredita ter sido instrumentalizado sobre o uso e/ou manejo dos recursos tecnológicos?**

*Explorar na resposta:*

*Como os cursos de pós-graduação podem trabalhar com os seus alunos esta temática?*

Bloco: Casos clínicos

**Pergunta 9: Você teria a disponibilidade de apresentar, de forma anônima, um caso clínico e como manejou essa situação?**